

REVISTA **Bzzz**

ANO 6 | Nº 74 | SETEMBRO/OUTUBRO 2019

Grande Dama

Antonieta Varella

Celina Guimarães

A potiguar que dá nome
a projeto de O Globo

Tortura

Conheça o pelourinho
de Natal



D'Alémar

Lançamento da Bzzz em
Lisboa reúne celebridades,
empresários, jornalistas

Dom Helder

A bela história do "patrono
dos Direitos Humanos"

Pioneiras

Futebol feminino do Brasil
tem origens no RN

O ALQUIMISTA

PORTUGUÊS APAIXONADO PELO RN, PEDRO DIAS FEZ DO HOBBY DE CONHECER
E AVALIAR PERFUMES A PRIMEIRA MARCA DE NICHU DO PAÍS: COMPORTA

O paraíso tem nome:

São Miguel do Gostoso

Definitivamente **São Miguel do Gostoso** é um capítulo à parte. Suas belas praias de águas mornas, abraçadas por palmeiras e dunas inóspitas preservam a natureza em sua essência. Um Mix de tranquilidade e aventura, além de todo sabor de uma culinária típica com deliciosos pratos à base de frutos do mar. E isso é só uma parte da experiência inesquecível que atrai pessoas do mundo inteiro. Seja uma delas, descubra o paraíso São Miguel do Gostoso.

Curta
o surpreendente,
compartilhe
o inesquecível

- O melhor destino da América Latina para a prática de kitesurf
- Excelentes opções de acomodação e grande seleção de restaurantes com deliciosos pratos locais
- Reveillon mais gostoso do país com os melhores artistas nacionais



**RIO GRANDE
DO NORTE**
GOVERNO DO ESTADO

“SEU PAI NÃO QUER SABER DE VOCÊ”

COLOCAR UMA CRIANÇA CONTRA
PAI, MÃE OU RESPONSÁVEL
É ALIENAÇÃO PARENTAL.
OS DANOS PODEM SER GRAVES
E IRREVERSÍVEIS, E VOCÊ PODE
PERDER ESSA CRIANÇA PRA SEMPRE.





BVSE



ALIENAÇÃO
PARENTAL
OS MAIS
PREJUDICADOS
SÃO OS FILHOS

ACESSE AL.RN.GOV.BR OU SIGA [@ASSEMBLEIARN](https://www.instagram.com/ASSEMBLEIARN) E SAIBA MAIS.

Go, go Bzzz

Festa em Portugal, assinatura digital em ascensão... E a primavera que chega para a Bzzz com sinais de tempo de flores, muitas flores pelo caminho. Disponível na plataforma Go Read, da editoria Abril, há dois meses, a revista já até superou a meta inicial de assinantes e, todos os dias, recebe feedbacks de novos leitores que tiveram a iniciativa – e aprovaram.

Trata-se da maior plataforma de revistas digitais, com 220 títulos à disposição dos assinantes, como a Boa Forma, Contigo!, Carta Capital, Veja, Istoé, Claudia, Superinteressante e, claro, a Bzzz. A assinatura custa R\$ 22,90 e o primeiro mês é grátis. Mais uma opção de leitura, além da versão impressa, que segue nas bancas do Rio Grande do Norte, Brasília, Rio e Lisboa.

Enquanto isso, setembro também foi mês de festa em solo lisboeta para a colmeia, comandada por dois dos nossos entrevistados de capas cujas edições fizeram muito sucesso. Ju Flor, facilitadora de meditação, e Luis Henrique, advogado e empresário espanhol que vive (e muito!) por Portugal, comandaram a festa. O lugar escolhido para o momento especial foi um dos mais belos cantos portugueses, o Seen Lisboa, reconhecido pela excelência no serviço e nos sabores. A cobertura deste dia que reuniu artistas, jornalistas, empresários, brasileiros e europeus você acompanha nestas próximas páginas.

E nesta edição, mais uma vez temos uma bela capa assinada pelo fotógrafo Alex Costa com o “alquimista” dos perfumes Pedro Dias. Texto assinado por uma das nossas correspondentes em terras portuguesas, a jornalista potiguar Clara Vidal. E muito mais de memória, turismo, cultura!

Ótima leitura,
Equipe Bzzz



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaabelhinha.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS
revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99109 9678

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ALICE LIMA, CAMILA LAMARTINE,
GILSON BEZERRA, JULIANA MANZANO,
LEILA BRAGA, LÚCIA ROCHA, MARINA GURGEL,
OCTÁCIO SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA,
SABRINA MAHLER, VÂNIA MARINHO,
WELLINGTON FERNANDES, ZENAIDE CASTRO

FOTO DA CAPA
ALEX COSTA

FOTOS
ALEX COSTA, EVALDO GOMES, FLAVIO AQUINO
SABRINA MAHLER, PAULO LIMA

GRÁFICA
UNIGRÁFICA

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

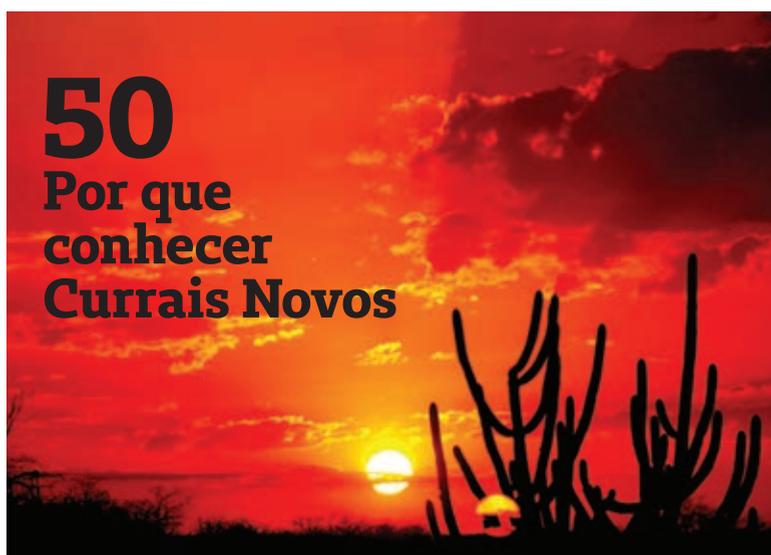


44

Vamos ao Egito?



60 Moda coletiva



50

Por que conhecer Currais Novos

8 | AS LISBOETAS

36 | A origem do nome Mossoró



56 | Um projeto para Natal



64 | Bzzz brilha em Portugal

68 | Brasília



72 | Turismo



ELIANA LIMA

elianalima@portaldabelhinha.com.br

Fotos: Eliana Lima



Palácio de Mafra

O INCRÍVEL E BELO PALÁCIO

Quem vier a Portugal não deve deixar de conhecer o Palácio Nacional de Mafra, na vila do Distrito de Lisboa, descrito por José Saramago como um dos mais imponentes edifícios das terras de Camões.

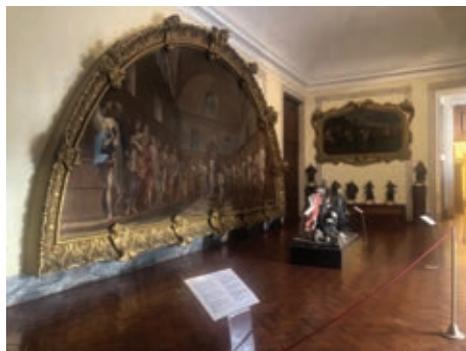
Reza a lenda que a construção, durante o reinado de D. João V, foi realizada com o poder do ouro que era transportado do Brasil. Uma média de oito toneladas por ano. Também conta a lenda que o rei mandou erguer o palácio, no século XVIII, para obter o voto de sucessão do seu casamento com D. Maria Ana de Áustria ou a cura de uma doença de que sofria.

QUE RELUZ O OURO DO BRASIL

Com os custos promovidos pelo ouro do solo brasileiro, o prédio foi construído com pedra lioz da região. Ocupa cerca de quatro hectares, com 1,2 mil cômodos, mais de 4,7 mil portas e janelas, 156 escadarias e 29 pátios e saguões.

Para ornamentar, o rei encomendou obras de escultura e pintura de grandes mestres italianos e portugueses. Os paramentos e alfaias religiosas foram da França e Itália. Na Flandres, encomendou dois carrilhões com 92 sinos, constituindo, assim, o maior conjunto histórico do mundo. Além de uma das mais importantes bibliotecas europeias com valioso acervo de todas as áreas de estudo do séc. XVIII.

Em 1907 o pomposo imóvel foi decretado Monumento Nacional. Em 1910 o Paço Real foi transformado em museu, abrindo em 1911 com a designação de Palácio Nacional de Mafra, que mantém até hoje. O único dia fechado para visitas é a terça-feira. O ingresso para acesso ao convento, paço real e basílica custa 6 euros.



SABORES

Aproveite o dia na bela vila de Mafra e almoce na Adega do Convento, um restaurante de tradicional cozinha portuguesa, mas também de outros sabores, localizado no centro histórico, num edifício que soma mais de cem anos. Charme logo na entrada.



VAMOS DE GASTRONOMIA LISBOETA?

Com o sugestivo nome de Lisboa é Linda, esse charmoso restaurante de atendimento muito simpático fica na Travessa São Paulo, 9-13, por trás do Mercado da Ribeira (Time Out Market), no Cais do Sodré. Segundo o anfitrião Fernando Santos, trata-se de um lugar com “origens alfacinhas”. O menu é construído de acordo com a época dos produtos. Em noite de jantar, optamos pelo lombo de bacalhau a minhoto e o arroz de frutos do mar. Surpreenda-se com os “peixinhos da horta” do couvert.

SELEÇÃO

Para os apreciadores de arte, Lisboa conta com o Culturgest, que fica no belo edifício sede da Caixa Geral de Depósitos, com dois auditórios, um de 612 lugares e outro para 145 pessoa, com respetivos foyers; seis salas de reuniões de diversas dimensões e duas galerias de exposições. Sempre há o que ver e fazer nesse espaço instalado no monumental e moderno edifício da CGD, construído no local da antiga fábrica de cerâmica Lusitânia – em que uma chaminé de um dos seus fornos está preservada. Também vale muito visita ao belíssimo prédio da sede bancária portuguesa.



CASTIGO

O pelourinho de Natal

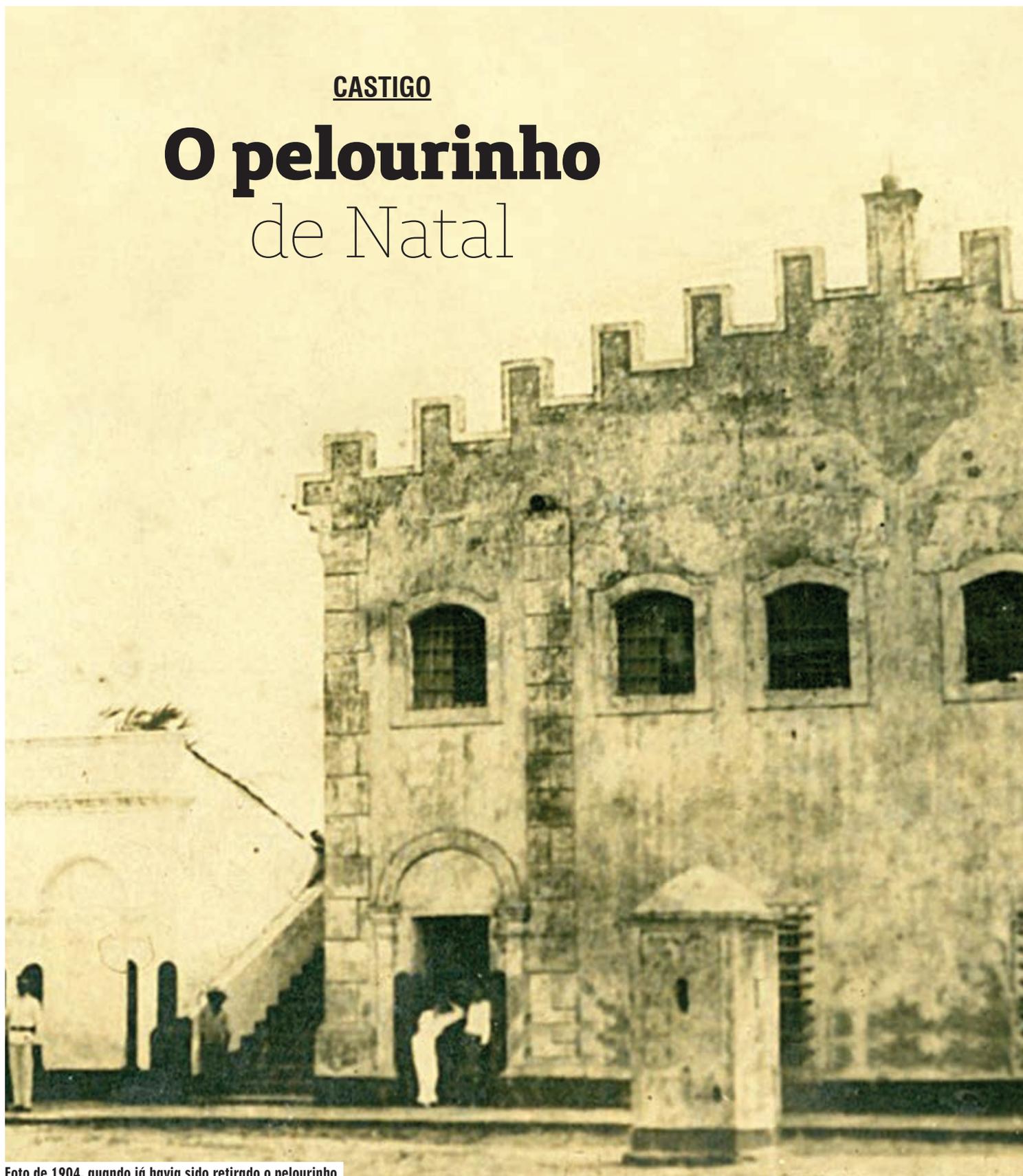
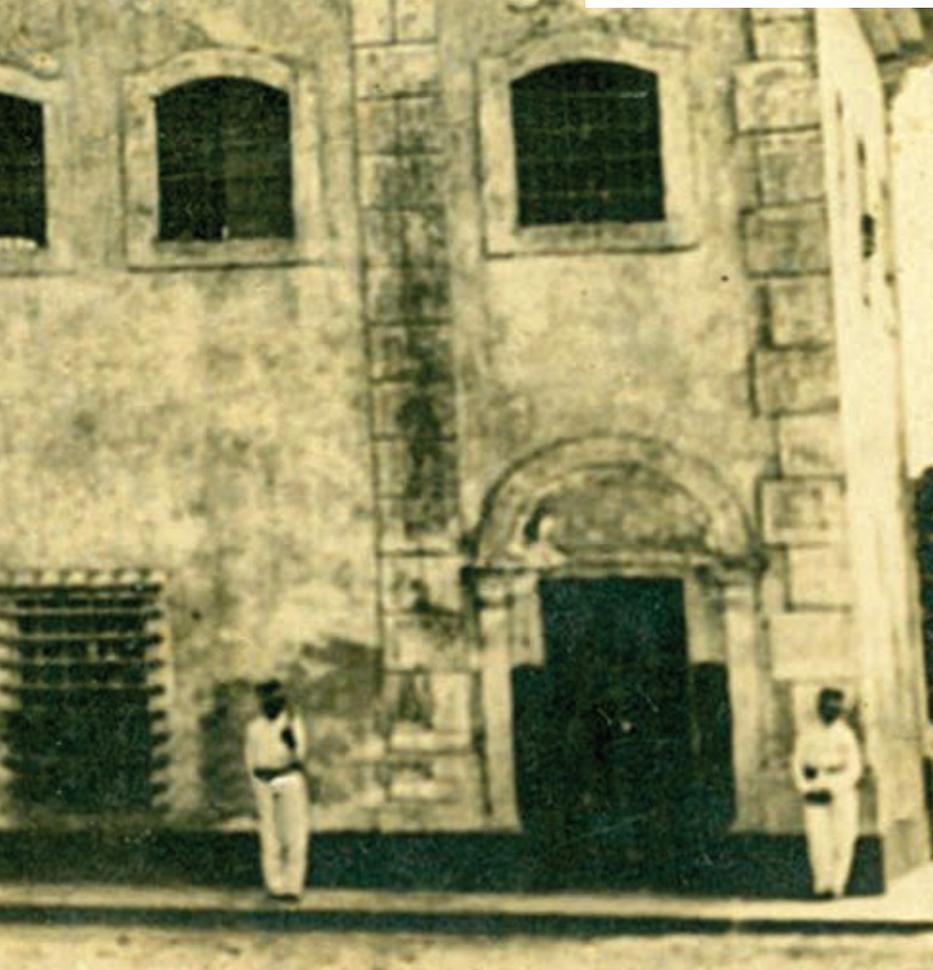


Foto de 1904, quando já havia sido retirado o pelourinho

INSTRUMENTO DE
TORTURA USADO
PARA QUEM
DESOBEDECIA
ORDENS ASSUSTAVA
ONDE HOJE É A
PRAÇA ANDRÉ DE
ALBUQUERQUE.
OBJETO ESTÁ
EXPOSTO NO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO

Por Rafael Barbosa
Fotos: Tavares de Lyra



Instrumento de tortura que foi, no Brasil Colônia, símbolo do poder vigente, o pelourinho era sempre construído em praça pública, local de destaque nas comunas. Em Natal, no Rio Grande do Norte, o artefato foi erguido no local que hoje é a Praça André de Albuquerque, no centro histórico da cidade, e permaneceu por lá até o final do Império, no século XIX.

A estrutura servia para punir as pessoas que desobedeciam as leis da época e tinham pena de exposição pública. Lá eram amarrados e açoitados homens e mulheres que não atendiam às regras impostas pela coroa. “Os que furtavam no peso da carne, do peixe, do pão, os ladrões, os vadios. Os infratores eram presos ao pelourinho e ficavam algumas horas cercados pela curiosidade do povo, comentando o crime, ou dando vaias. Era um princípio de vulgarização da pena”, complementa o professor e historiador Anderson Tavares de Lyra.

Fixado sempre em frente ao local do poder máximo, o Senado da Câmara Municipal, mesmo prédio em que normalmente funcionava a cadeia, o pelourinho servia de representação do Poder e da Justiça. De acordo com o professor Tavares de Lyra, há registros, em diferentes partes do Brasil, de que até crianças foram castigadas nessas estruturas depois de desobedecerem os pais.

“Dada a nossa colonização portuguesa, o pelourinho nos chega com a fundação da cidade, e ele representa um símbolo de autonomia e jurisdição municipal. Essa é a principal representação de um pelourinho no passado. Ou seja, um pelourinho não existiria sem uma vila, ou cidade. Da mesma maneira que as cidades e vilas não existiriam sem um pelourinho”, esclarece.

O historiador afirma que, segundo Luís da Câmara Cascudo recolheu em depoimentos orais, no topo do pelourinho de Natal ficava um globo de argamassa, símbolo da coroa portuguesa. A coluna de ferro terminava em grandes ganchos, onde eram presas as pessoas que seriam torturadas.

A estrutura também servia como local de divulgação de eventos administrativos, com a fixação de cartazes informativos. “Como lugar mais público da cidade, também era utilizado para essa divulgação de eventos administrativos”, acrescenta.

A primeira estrutura montada na capital permaneceu na praça até ainda 1732. Foi naquele ano que um novo pelourinho foi construído. O primeiro teria sofrido avaria provocada pelo tempo, ou por algum acidente. Não há registros que precisem o motivo da substituição.

HISTÓRIAS DO PELOURINHO DE NATAL

O professor Anderson Tavares de Lyra diz que Câmara Cascudo também tem registros de uma tradição oral, nunca confirmada documentalmente, que aponta que durante a revolução de 1817 o senhor do engenho Cunhaú, André de Albuquerque Maranhão, que posteriormente deu nome à praça em que estava o pelourinho, teria sido preso à estrutura pelo pé.

Inconformado com o ocorrido, André de Albuquerque teria gritado repetidamente “um Albuquerque Maranhão preso a um

pelourinho”. Ele era o homem mais rico da então capitania do Rio Grande e era também o mais respeitado, até aquele momento.

Em 1817, na Revolução Pernambucana, a praça foi o cenário para a repercussão da revolta no Rio Grande do Norte. A movimentação dos revoltosos começou no estado pernambucano, por conta da discrepância da vida que levavam os membros da corte com relação ao povo da província. Senhores de engenho, padres e comerciantes se juntaram para derrubar a coroa portuguesa e instau-



Pelourinho exibido na praça André de Albuquerque

rar no Brasil o regime republicano. André de Albuquerque liderou a revolução em terras potiguares e, por isso, teria sido castigado.

Rebelar-se contra a coroa era motivo suficiente para a tortura no pelourinho. Outro fato, colhido também oralmente pelo desembargador e historiador Luiz Fernandes Sobrinho, trata de um caso ocorrido entre 1802 e 1806. Era costume na capitania, em vez de processar, castigar os caboclos acusados de crime de furto de animais.

O levantamento de Luiz Fernandes Sobrinho conta que, certa vez, foi levado de Ceará-Mirim para Natal um grupo desses acusados, para receberem o castigo no pelourinho. Durante o açoite, um deles teria virado para a Igreja Matriz e, em tom de súplica, com as mãos juntas, gritado pedindo a Nossa Senhora da Apresentação para que não permitisse a tortura. O homem justificava o pedido dizendo que era descendente de Dom Antônio Felipe Camarão, índio reconhecido por expulsar holandeses do Nordeste brasileiro e reverenciado no país europeu pela sua garra e estratégia de guerrilha. O capitão-mor que assistia à aplicação da pena das varandas do Senado da Câmara então ordenou que cessassem os açoites e o libertasse, em respeito a Felipe Camarão.



Enélio com Câmara Cascudo



Antiga Casa da Câmara e da Cadeia, onde ficava chantado em frente o pelourinho

PELOURINHO VIROU BANCO NA CADEIA

O historiador Anderson Tavares de Lyra conta que, depois que ruiu o Império, o pelourinho perdeu sua serventia. Não era mais utilizado na República. “Foi derrubado da praça pública, recolhido à então Cadeia de Natal e virou um banco, onde os soldados ficavam sentados. De toda a importância que remetia-se a ele no período colonial, do final do Império para o início

da República virou um banco”, detalha o pesquisador.

Já em 1904, durante a gestão do governador Augusto Tavares de Lyra, a estrutura foi oficialmente doada ao Instituto Histórico e Geográfico e colocado em exposição. Mais de 40 anos depois, em dezembro de 1949, em homenagem aos 350 anos de Natal, o pelourinho foi devolvido à praça, colocado em lugar de



Hoje, o pelourinho encontra-se em exibição permanente na calçada do Instituto Histórico e Geográfico do RN

destaque e cercado de canhões.

“Eu, particularmente, considero uma coisa de péssimo gosto. Retornar um símbolo desse, de tanto martírio para a praça pública”, opina o historiador. Somente em 1964 o artefato foi devolvido ao Instituto Histórico, pelo então prefeito da capital Djalma Maranhão. O pelourinho permanece na calçada do prédio do Instituto, na Rua da Conceição, exposto permanentemente.



Anderson Tavares de Lyra, professor e historiador



DOM HELDER CÂMARA

O Patrono dos Direitos Humanos

PRESTES A SE TORNAR SANTO, DOM HELDER CÂMARA FOI O ÚNICO BRASILEIRO COTADO AO PRÊMIO NOBEL DA PAZ POR QUATRO VEZES. TEM RICA BIOGRAFIA E UM DE SEUS ESTUDIOSOS É O PROFESSOR POTIGUAR GERALDO QUEIROZ

Por Zenaide Castro
Fotos: Arquivo

“O reconhecimento de Dom Helder Câmara como santo da Igreja Católica representa um ato de justiça. Foi uma pessoa altamente envolvida e com belíssimo trabalho na defesa dos direitos do cidadão, principalmente dos mais humildes, tanto é que foi declarado Patrono dos Direitos Humanos em 2017 pela Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados. Agora, o seu processo de beatificação e canonização pelo Vaticano é um fato importantíssimo para o Brasil”. A afirmação é do jornalista, professor, ex-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e estudioso do assunto, Geraldo Queiroz.

No dia 27 de agosto deste ano, a morte de Dom Helder completou 20 anos. O processo de beatificação e canonização do religioso cearense, arcebispo de Olinda e Recife, que foi um dos expoentes católicos que lutou em benefício de melhores condições de vida para os mais pobres, encontra-se na fase romana das investigações. O próximo passo será o Papa Francisco reconhecer, em nome da igreja, que o religioso praticou em grau heroico as virtudes cristãs. Depois, ele passa a ser considerado venerável (quando os relatos de milagres começam a ser compilados), para, mais tarde, se tornar beato (com um milagre reconhecido) e, finalmente, santo (com pelo menos dois milagres reconhecidos).

Antes de chegar a Roma, o processo passou no Brasil pela fase diocesana, iniciada em 2015, com a junção de documentos, pareceres e relatórios elaborados por professores e religiosos, além de testemunhos de 54 pessoas sobre a vida, as ações de Dom Helder e informações sobre um possível milagre, mantido em sigilo, a pedido da igreja. Todo esse material foi encaminhado para o Vaticano em janeiro deste ano, quando foi nomeado um relator para acompanhar o caso antes de chegar ao Papa.



Professor Geraldo Queiroz, ex-reitor da UFRN e estudioso do assunto

Estudioso há anos da trajetória de Dom Helder Câmara, Geraldo Queiroz, cita dois testemunhos que o fizeram perceber todo o trabalho desenvolvido pelo religioso. “O primeiro momento foi no ano de 1966, quando eu passei um período em Recife e Olinda, onde ele era arcebispo, e pude acompanhar a repercussão que as suas ações tinham na comunidade. A segunda percepção ocorreu em 1968. Eu fui fazer um curso de especialização em jornalismo no Equador e no voo que me levou a Quito conheci Dom Frágoso, à época bispo de Crateus, no Ceará, que me falou durante toda a viagem sobre o respeito que tinha pelo trabalho que Dom Helder vinha realizando em Pernambuco. Isso foi muito importante para que consolidasse em mim essa admiração que cultivo até hoje”, relembra.

Segundo o estudioso, o trabalho de Dom Helder tornou-se conhecido não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo. “Para se ter uma ideia dessa repercussão, ele foi professor Honoris Causa em mais de 30 universidades estrangeiras. Isso comprova a importância dele para a humanidade. Era um humanista acima de tudo”, destacou Geraldo Queiroz.



Dom Helder Câmara, único brasileiro quatro vezes indicado ao prêmio Nobel da Paz

QUATRO VEZES COTADO PARA O NOBEL DA PAZ

Helder Pessoa Câmara (1909-1999) nasceu em Fortaleza (CE), foi bispo auxiliar do Rio de Janeiro e mais tarde transferido para o Nordeste brasileiro, tornando-se arcebispo metropolitano de Olinda-Recife. Também é lembrado como um dos grandes defensores da chamada “Teologia da Libertação”.

Na década de 1950, Dom Helder fundou obras sociais como a Cruzada São Sebastião, cujo objetivo era atender os moradores das favelas, e o Banco da Providência, que organizava doações e microcrédito para as famílias de baixa renda.

Dom Helder Câmara esteve à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife entre 12 de março de 1964 e 15 de julho de 1984. Exerceu ainda funções na Secretaria de Educação

do Rio de Janeiro e no Conselho Nacional de Educação. Foi também um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e por sua trajetória, reconhecida internacionalmente, foi o único brasileiro cotado quatro vezes para o Prêmio Nobel da Paz, no início dos anos 70. Os motivos que o impediram de vencer a premiação estão na obra “Prêmio Nobel da Paz: a atuação da ditadura militar brasileira contra a indicação de Dom Helder Câmara”, publicada em 2015 pela Comissão Estadual da Memória e Verdade.

Em seus mais de 20 livros publicados – boa parte traduzida para outros idiomas –, Dom Helder defendeu ainda o ideal de “não-violência” e a necessidade de pro-

fundas reformas por um Brasil menos desigual.

Morreu no dia 27 de agosto de 1999, aos 90 anos. O local onde Dom Helder passou os últimos anos de vida, nos fundos da Igreja de Nossa Senhora da Assunção das Fronteiras, no Recife (PE), foi transformado em museu. No Memorial Dom Helder Câmara, estão expostos objetos como livros, quadros, roupas e móveis de uso pessoal do arcebispo.

“É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca”. A citação de Dom Helder Câmara resume a sua caminhada e a sua persistência incansável em busca de uma vida mais digna pelos menos favorecidos.

Fonte: www.cnb.org.br



Inauguração da Catedral em 21 de novembro de 1988



FUTEBOL

FUTEBOL FEMININO: mais um pioneirismo do RN



Os dois times femininos: Centro Náutico Natalense e ABC Futebol Clube



O PRIMEIRO
REGISTRO DE
MULHERES
JOGANDO FUTEBOL
NO BRASIL É DO RIO
GRANDE DO NORTE,
NOS IDOS DE 1920,
QUANDO NATAL
TINHA DOIS TIMES

Por Leila Braga

Fotos: arquivo Anderson Tavares de Lyra

O Rio Grande do Norte é, desde sempre, um estado que reserva grandes surpresas com relação ao pioneirismo de suas mulheres. Desde a primeira mulher a se registrar para votar, passando pela primeira mulher a se eleger prefeita de um município, até – passem! – a primeira partida de futebol feminino no Brasil.

Os primeiros registros de jogos entre times femininos em Natal, capital potiguar, datam de 1920, quando houve o jogo entre ABC Futebol Clube e o Centro Esportivo Natalense. Depois disso, só há registros de uma partida feminina em 1921, em São Paulo, entre times de Santa Catarina e SP.

O esporte chegou a ser proibido para mulheres em 1964 pelo Conselho Nacional de Desportos, só sendo permitido novamente em 1981. A modalidade só foi incluída nas Olimpíadas em 1996.

O COMEÇO

Em Natal, nos anos 1920, os times eram formados por mulheres que pertenciam às mais distintas classes sociais. Eram casadas, algumas solteiras, umas jovens e outras mais maduras. Começaram como torcedoras, mas essas esposas, irmãs e tias dos atletas tomaram um interesse mais profundo pelo esporte e se organizaram para iniciar seus próprios times.

O historiador Anderson Tavares de Lyra conta que essas mulheres quebraram barreiras, derrubaram preconceitos, e que, mesmo em uma Natal patriarcal e atrasada em outros sentidos, conseguiram o direito de praticar o esporte e tornaram-se pioneiras.

O clima nesse período era propício. Segundo o historiador, as práticas de educação física estavam ligadas à ideia de progresso e modernidade que permearam todo o período do domínio político da família Albuquerque Maranhão no estado. Em Natal se praticava o remo e a natação no Rio Potengi, o futebol e o tênis no Petrópolis Tênis Clube. Havia na época também a Liga de Desportos Terrestres, à qual estavam ligados os times de futebol América, ABC e o Centro Sportivo Natalense.

Muitos espaços na capital eram utilizados para os jogos femininos, entre eles, o Sítio Senegal e o estádio Juvenal Lamartine, ambos no bairro do Tirol. Além desses, as praças André de Albuquerque, na Cidade Alta, e Pedro Velho, em Petrópolis, também fo-

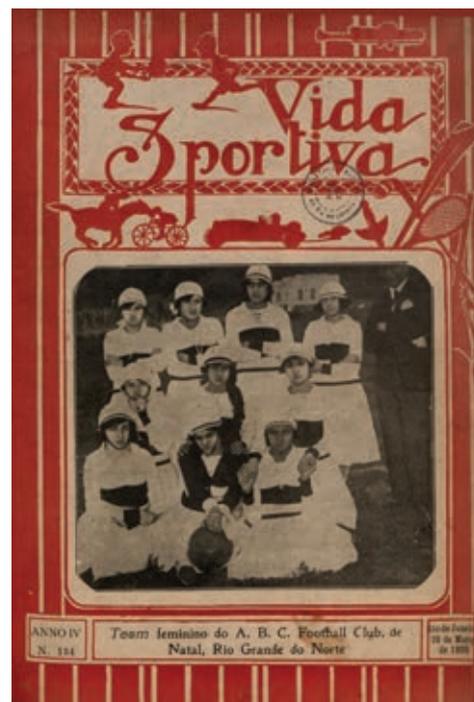


Alice China Tavares de Lyra, jogadora do ABC Futebol Clube

ram palco das competições.

Anderson conta ainda que a revista *Vida Sportiva*, em 1919, afirma que a cidade do Natal “pode gabar-se de ter sido a primeira do Brasil a criar agremiações esportivas de elementos exclusivamente femininos”, a exemplo do Centro Náutico Feminino de Natal e o Clube Náutico Jundiai, da cidade de Macaíba, fundados sob a orientação do centro Náutico Natalense e que disputavam provas no remo, natação e futebol.

As fotografias das atletas em Natal foram presente de uma das jogadoras, Alice China Tavares de Lyra, para sua sobrinha, Sophia A. Lyra, responsável pela primeira exibição das imagens na revista *Vida Sportiva*, em 20 de março de 1920.



Capa da revista *Vida Sportiva* de 1920, exibe imagem de jogadoras natalenses



Time Feminino do ABC.
Entre as jogadoras, Alice
Tavares de Lyra, no sitio
Senegal, de Quincas
Moura, na avenida
Hermes da Fonseca



**Time do Centro Sportivo
Natalense, campeão
feminino de Natal após a
vitória por 12x0 em cima
do A.B.C.F.C.**

EM MOSSORÓ

A capital do RN não é a única a encantar com seu pioneirismo, uma vez que, em Mossoró, uma professora foi responsável por introduzir o esporte na cidade, ao traduzir o manual do futebol do inglês para o português e ensinar o esporte aos seus alunos.

Esse fato se deve a Celina Guimarães Viana, a mesma mulher que foi a primeira eleitora registrada do Brasil.

Ela é, possivelmente, a primeira árbitra do país. Há registros de que Celina apitou jogos entre os anos de 1917 e

1919 em uma praça da cidade, de saia, sem deixar nada a desejar com relação aos árbitros homens. E, vale salientar, nessa época eram escalados para arbitrar um jogo apenas aquelas pessoas de prestígio e caráter reconhecido na cidade.



Eliseu, Celina e Pedro Wilson no Rio de Janeiro, em 1938

CELINA GUIMARÃES

Os homens e os feitos de **Celina Guimarães**

EXEMPLO
ORGULHOSO DO
PIONEIRISMO
DAS MULHERES
POTIGUARES E
DE TODO BRASIL,
CELINA TEVE
UMA RELAÇÃO
ESPECIAL DE
COMPANHEIRISMO
COM ELISEU VIANA
E O FILHO ÚNICO
DO CASAL, PEDRO
WILSON

Por **Lúcia Rocha**
Fotos: Arquivos

Os passageiros de carros apressados no cruzamento das ruas Juiz de Fora e Rodrigues Caldas, no tradicional bairro de Santo Agostinho, região central de Belo Horizonte, não têm ideia que ali, por trás daquele muro, há uma linda casa de paredes rosa, com varanda conservada, um jardim bastante florido e bem cuidado.

O imóvel já abrigou reuniões com o mundo intelectual potiguar que para ali se dirigia em algum compromisso na capital mineira. Construída nos anos 1940, numa região supervalorizada, a casa tem traços de construção moderna, com garagem e biblioteca particular e pertenceu a um casal que entrou para a história do Brasil, com um feito realizado distante dali, no Rio Grande do Norte, mais precisamente em Mossoró, onde Celina Guimarães Viana sufragou o primeiro voto feminino da América Latina, abençoado pelo esposo professor e advogado, Eliseu Viana.

Em 17 de julho de 2019, o único filho do casal deu o último suspiro naquela casa que ele conservou, tal qual deixara os pais.

Tratava-se do médico Pedro Wilson Viana, nascido em 1931, em Teófilo Otoni, cidade que abrigou Eliseu e Celina, quando fugiram da Revolução de 30, que estourou em Natal. “Mestre na concepção dinâmica do termo e homem de alto saber humanístico”, prefaciou o escritor e ex-aluno do casal na Escola Normal de Mossoró, Raimundo Nonato, na biografia “Eliseu Viana, o Educador”, escrita pelo também ex-aluno Walter Wanderley, lançada em 1970, pela Coleção Mossoroense.

Segundo Walter Wanderley, Celina era uma criatura lúcida, de palavra fácil e viva, que descreveu Eliseu para seu biógrafo, depois de constantes apelos, pedindo que evitasse citá-la. E, sabiamente, o autor trouxe a público uma Celina que somente os mais íntimos conheciam.

Walter Wanderley registrou, pelas palavras de Celina, o retrato do ensino a partir de 1912, como se dava a relação professor-aluno, o ingresso no magistério, o início de uma atividade já mal remunerada, a influência política, com nomeação de professores, inspetores e diretores.

Eliseu e Celina conheceram-se à época em que estudavam na Escola Normal de Natal. Nascidos no mesmo ano, 1890, ele na Paraíba e ela em Natal, Celina de Amorim Guimarães estava apaixonada pelo colega, quando ele a pediu em casamento após o curso, em 1911. Recém-casados, surgiu a oportunidade de trabalho no interior, em Acari. O casal dava início a uma das mais belas trajetórias de dois profissionais dedicados à educação de jovens no Rio Grande do Norte e Minas Gerais.

Os ensinamentos do casal iam além da parte didática, pois resolveram testar a meninada para conhecer suas aptidões artísticas e o resultado foi surpreendente. Dois anos depois, foram transferidos para Mossoró, onde lecionaram durante catorze anos e Eliseu criou e dirigiu a Escola Normal de Mossoró.

Em 1918, o Banco do Brasil instala em Mossoró a agência de número 36, e Celina é a primeira mulher a abrir conta bancária, sob autorização do marido, por exigência do banco. Em 1928, o casal encerrou suas atividades em Mossoró, não sem antes Celina ter pioneiramente exercido o direito ao primeiro voto feminino, em 5 de abril daquele ano. Mesmo longe de grandes centros urbanos, o fato repercutiu mundialmente e levou mulheres de outros estados a reivindicarem a posse do título também. Celina teve seu rosto estampado na capa do jornal carioca, O Globo, e o assunto rende até hoje, sempre que a pauta é sobre o

direito ao voto feminino.

Em Natal, o casal foi morar no Tirol. Eliseu passou a ocupar as funções de Auditor da Polícia Militar do Estado, sob o governo do Presidente Juvenal Lamartine. Após a Revolução de 30, o casal deixou definitivamente o estado, passando a residir em Teófilo Otoni, onde Eliseu exerceu o cargo de Promotor de Justiça da

Comarca e lecionava língua portuguesa, gratuitamente.

Em Teófilo Otoni, o casal ganhou o filho ambicionado, Pedro Wilson Viana, nascido em 1931, com quem Celina manteve uma relação de amizade e afetividade registrada em centenas de fotos em preto e branco, tiradas por Eliseu desde que adquiriu uma máquina fotográfica.



Celina ao lado da neta Carla, publicada em O Globo no ano de 1971



VISITA AO FILHO

Em março de 2018, em visita à mansão de Eliseu e Celina, encontramos um simpático Pedro Wilson super lúcido aos 87 de idade, que lembrou a infância e descreveu as fotografias, coladas em velhos álbuns, guardados em estantes de madeira com portas de vidro e até hoje conserva tudo o que os pais deixaram, na biblioteca particular com o mesmo mobiliário. De moderno, apenas o computador e impressora usados por ele, educado no Colégio São Francisco, de freiras holandesas, em Teófilo Otoni. Em 1950, o casal deixou a cidade para

acompanhar o filho, que havia sido aprovado para a faculdade de medicina em Belo Horizonte.

Pedro Wilson conta que em Minas Celina nunca trabalhou fora, era dona de casa, personalidade secundária diante de um Eliseu bastante comunicador. “Ela não era tímida, mas não fazia o gênero das mulheres de Teófilo Otoni, donas de casa. Mamãe não era de ir para a cozinha, não sabia fazer comida, mas as cozinheiras que teve eram sempre de primeira linha, além de uma secretária que cuidava da casa. Nunca a vi

pegando numa panela. Morávamos ao lado da igreja, eles eram católicos fervorosos. O lazer era passeio a cavalo, visitar fazendas por perto, aos domingos íamos a um açude tomar banho, sempre a cavalo”, recorda.

Como mãe, Pedro Wilson registra que Celina era rigorosa. “Mamãe batia, eu não fui santo, não. Então, o castigo maior era um chicote, que ela usava quando eu aprontava”, ri. Pedro Wilson Viana deixou três filhos - Carla, Gina e Júlio - e quatro netos - Carolina, Fernanda, Bárbara e Dante.



Sobre o primeiro voto feminino, entre família não foi algo tão comentado porque era um assunto que a própria Celina evitava. Ele lembra que já era um rapaz quando alguém o visitou e perguntou se sabia que a mãe era a primeira eleitora do Brasil.

Quem também conviveu com Celina foi a neta Carla Viana Coscarelli, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), uma das maiores linguístas da atualidade, autora de diversos livros.

Na última entrevista concedida por Celina, publicada no n'º Globo em 1971, Carla aparece em foto ainda criança, ao lado da avó, então com 80 anos de idade. Celina faleceu no ano seguinte.

Em 8 de março de 2019, Celina foi homenageada pelo mesmo veículo, que lançou uma plataforma sobre mulheres e diversidade, intitulada Celina, cujo link é www.oglobo.globo.com/celina/ - e também ganhou um perfil no Instagram: @projetocelina. “A partir deste Dia Internacional da Mulher, Celina trará diariamente, no ambiente digital, material produzido por todas as editorias de O Globo e por colunistas do jornal. O jornal impresso também publicará periodicamente reportagens especiais, sempre identificadas com o selo do projeto”, publicou o diário carioca naquele dia.



Celina à esquerda, depositando o voto, elegante, de bolsa e chapéu, no Cartório Eleitoral de Mossoró, à época funcionava no primeiro andar da Cadeia Pública de Mossoró, atualmente, Museu Histórico Lauro da Escóssia



Print do site O Globo que homenageia Celina



Arte do Projeto Celina, criada por Paula Cruz

NA INTIMIDADE

Texto de Carla Viana Coscarelli, neta de Celina

“Quando fui a Natal, na década de oitenta, como turista, eu não tinha a dimensão do que meus avós representavam para esse estado nem para o Brasil. Aproveitei a viagem, diverti-me nas dunas, nas praias, deliciei-me com a gastronomia super especial. Que lugar lindo, que povo simpático e receptivo! Naquela época eu não associei aquela familiaridade à minha história. Lá em casa, Celina era a minha avó e Eliseu o avô que não tive a sorte de conhecer.

Ela andava pela casa e sempre sorria para os netos nos encontros inevitáveis pela casa pequena. Ela era faladeira e firme em suas vontades. Se alguém acha que ela foi a primeira eleitora do Brasil, por insistência do marido, saiba que ela não era de se curvar ao que não queria fazer para agradar alguém. Nem mesmo para agradar ao meu avô a quem ela amava e admirava muito. Pode ter sido sugestão dele, mas a vontade foi dela. Se ela não tivesse tido forte essa vontade, não iria mesmo! Minha mãe dizia que ela era meio mandona e não fazia o que não queria. Dizia também que ela gostava muito de uma

boa conversa com as amigas e com quem estivesse por perto. Era boa de prosa e animava a conversa sempre recheada de entusiasmo e alegria. Era inteligente, espirituosa e muito culta, adjetivos que ouvi de várias pessoas que a conheceram. As fotografias me revelam que era vaidosa. Gostava de se vestir bem e de estar bem cuidada. Com bom gosto e sem excessos.

Tenho poucas lembranças dela. Lembro do cheirinho perfumado do seu quarto e do olhar meio de lado quando eu chegava perto dela, curiosa para entender aquele jogo de cartas com o qual ela se divertia quietinha durante muito tempo.

Tenho muito orgulho dela, que sabia que não se educa com palmatória, mas com respeito. Ela que não tinha medo de aprender e sentia prazer em ensinar. Ela que, junto com meu avô, abriu espaço em sua vida já tranquila para adotar uma criança que sofria com os maus tratos da mãe solteira. Ofereceu a esse filho, de quem sempre se orgulhou, a melhor educação que alguém poderia receber. Deu a ele uma família tranquila e afetiva além de



condições para ter uma vida equilibrada. Papai sempre foi muito grato a Celina e Eliseu, de quem falava com carinho e a quem chamava de ‘minha mãe’ e ‘meu pai’, sem nunca usar a palavra adotivos para se referir a eles.

Muitos anos depois de ter visitado o Rio Grande do Norte como turista, quero muito voltar para reconhecer a terra de minha avó, onde ela certamente foi feliz e onde pôde contribuir para a história das mulheres desse nosso país e para a educação potiguar. Quero rever essas terras com o olhar de uma neta curiosa para conhecer melhor a história de sua família, os feitos de sua avó, as contribuições dessa mulher cheia de histórias, que cada dia me enchem mais de orgulho”.

PEDRO SIMÕES DIAS

Experiências
que cabem num
FRASCO





A PAIXÃO PELOS
PERFUMES DE
NICHO FEZ COM
QUE O ADVOGADO
PORTUGUÊS
PEDRO DIAS
INVESTISSE NA
PRÓPRIA MARCA.
DEU CERTO
E OS PLANOS
DE EXPANSÃO
INCLUEM O BRASIL
– E UM PERFUME
INSPIRADO NUMA
PRAIA DO PAÍS

Por Camila Lamartine, de Lisboa
Fotos: Alex Costa

O poder do olfato é inegável: bastam poucos segundos para que determinados cheiros – como um livro novo, uma comida ou uma flor – despertem emoções e até memórias. No rico universo olfativo, perfumes podem se destacar como “contadores” de histórias, combinando aromas e trazendo um *boom* de sensações. E foi a paixão por esse mundo que levou o advogado Pedro Simões Dias a fundar a primeira marca portuguesa de perfumes de nicho – aqueles mais complexos: a Comporta Perfumes. O lançamento ocorreu em junho de 2017 e a marca deu tão certo que atualmente está em nove países, como Espanha, França, Itália e Inglaterra.

Pedro conta que tudo começou com uma coleção de centenas de perfumes de nicho até que três anos atrás decidiu lançar, por diversão, um blog sobre o assunto. Passou a fazer análises e críticas dos produtos e se aproximou de profissionais do meio. “Comecei a ter perfumistas e distribuidores a me enviar amostras. Tinha até algum medo porque admirava muitos aqueles perfumistas. Então analisar aquilo antes de sair não era fácil. Até que um dia um deles me perguntou por que eu não criava uma marca portuguesa”, lembra.

Conhecer os “criadores” foi fundamental para a ideia avançar e enquanto o português define os cheiros e dá as orientações conceituais, os perfumistas fazem a mágica acontecer. A Comporta tem oito produtos (Muda, Areia Salgada, Dona Bia, Sela, Palafítico, Ocaso, Mosquito e Mosquito Man) frutos do trabalho entre Pedro e os perfumistas Beatrice Aguilar, Daniel Josier, Stephanie Bakouche e Luca Maffei, um dos nomes mais promissores da atualidade.

COMPORTA E SUAS INSPIRAÇÕES

O prestigiado jornal The New York Times publicou, no início de 2017 (ano de lançamento da marca), uma lista com 52 lugares que mereciam ser visitados naquele ano. Na vigésima quinta posição, a Comporta foi descrita como um lugar “hippie-chic” e “deliberadamente pouco desenvolvida”. A publicação destacou ainda a Comporta como “o anti-Algarve”, em referência a região portuguesa que reúne belas praias e está sempre repleta de turistas.

A cerca de uma hora e meia de Lisboa, a Comporta está situada na península de Troia, que tem se firmado como um destino tendência atraindo portugueses e estrangeiros com seus encantos naturais e elegância. Além de querer estar associado a esta onda, Pedro Dias diz que a região é propícia para compor “memórias olfativas mais fortes”. “A Comporta tem uma característica rara: como as povoações não estão muito perto da praia, não existe contaminação no ar, o que é ótimo para recriar cheiros”.

Por isso, os primeiros perfumes da marca contam histórias que tem elementos da Comporta como inspiração. “O primeiro perfume que fiz exatamente como queria, com a ajuda do perfumista Daniel Josier, foi o Sela, que recria o passeio dos cavalos na areia. Foi feito em torno do couro. Foi retirada a doçura das notas de couro

e tem uma nota frutada que dá a sensação de estar a passear”.

Casado e pai de dois filhos, o português também conta com a ajuda da família na hora de experimentar as versões. “Os que os meus filhos gostam vai ser sucesso comercial”, brinca. Na lista dos perfumes mais procurados estão o Areia Salgada, “um shot de felicidade ao tomar um gin tonic no fim da tarde na Comporta”; e o Mosquito, perfume mais conceitual que “é como entrar numa cama de lençóis egípcios onde os mosquitos não lhe tocam” com notas florais suaves e um toque de *musk* e madeira de sândalo.

“A Comporta tem uma característica rara: como as povoações não estão muito perto da praia, não existe contaminação no ar, o que é ótimo para recriar cheiros”







PERFUMES COM “VIDA PRÓPRIA”

Os perfumes de nicho contemplam vários prismas olfativos com alterações no cheiro ao longo do dia. Pedro os classifica como perfumes com mais “vida própria”, que podem ser comparados com alguns de antigamente, como os primeiros da marca Chanel. “Há cerca de 20, 30 anos, houve uma tendência de higienização com perfumes mais simples, como *L'eau de Issey* e *Acqua di Gio*, da Armani. Um conjunto de consumidores começou a preferir estes perfumes mais simples, sem grande variação ao longo do dia.

Paralelamente, as normas de regulamentação cortaram algumas moléculas muito boas – usadas na elaboração dos perfumes, e as sintéticas que as substituem são muito caras”, explica. O uso de material exclusivo reflete no preço deste tipo de perfume. Na Comporta, os valores variam entre 140 e 165 euros entre produtos eau de parfum e extrato de perfume – que traz a concentração mais alta de essências.

Pedro estima que é necessário no mínimo um ano para produzir um bom perfume – a

partir da ideia até à comercialização. Além do contato com o perfumista, são feitos testes de compatibilidade entre o perfume e a garrafa, experiências de estabilidade que levam em conta a pressão atmosférica, o calor e o frio, e o tempo de maturação. “Tenho uma regra com os perfumistas que é: eles podem fazer o que quiserem e eu posso alterar o que quiser. O Ocaso, por exemplo, eu cheirei 19 versões – enquanto a média é de 6, 7 versões. Eu não toco numa molécula, eu quero saber das experiências”.



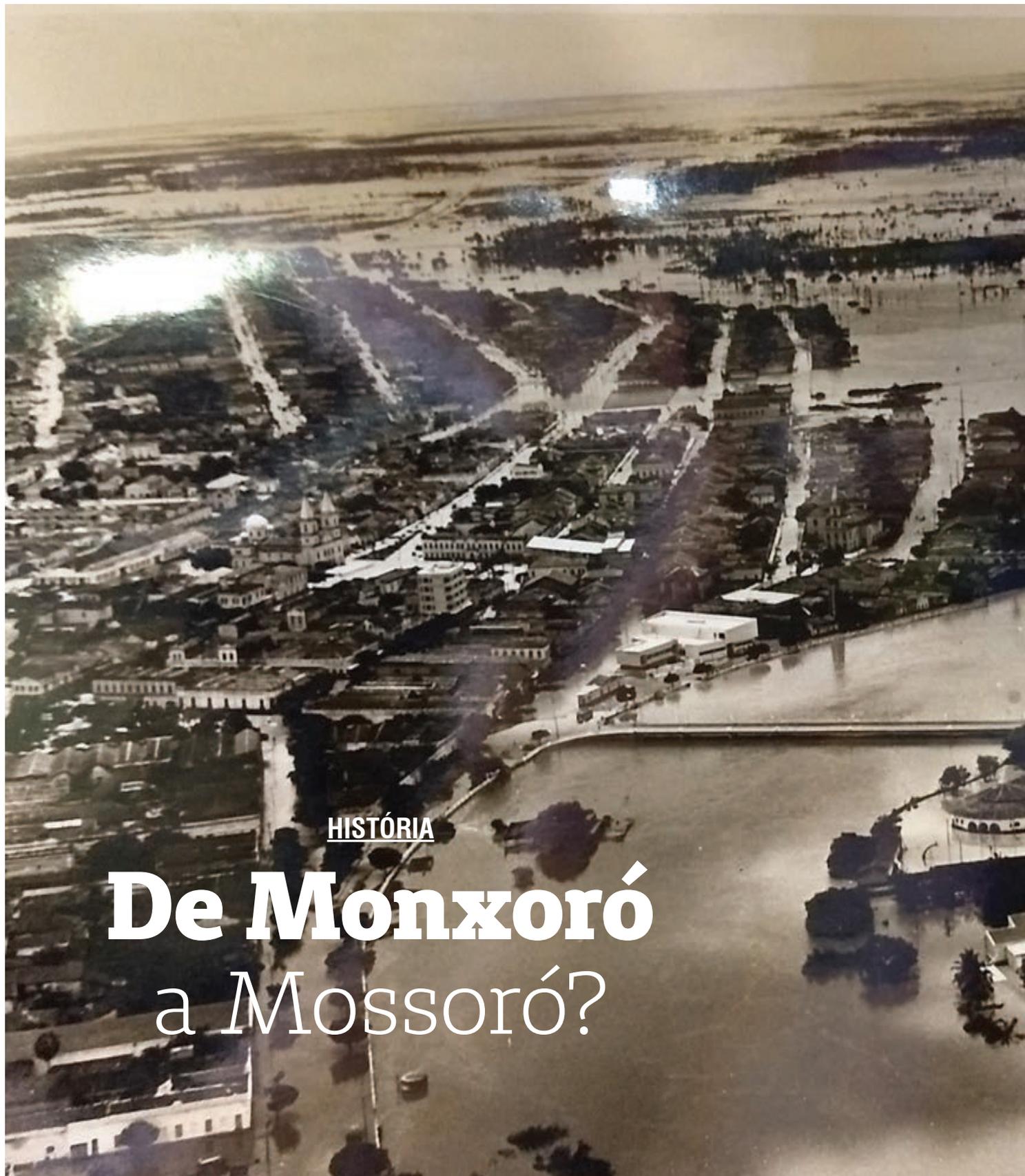
BRASIL: MERCADO E IDEIAS

A Comporta se prepara agora para lançar, em setembro, um frasco exclusivo em parceria com a Vista Alegre, fábrica de porcelana fundada em 1824. “Será uma renascimento da marca”, afirma Pedro. Há ainda planos de investir no mercado brasileiro, país que o advogado mantém uma relação de proximidade. Tem casa em Tibau do Sul, litoral do Rio Grande do Norte, e em agosto voltou de uma temporada no país quando aproveitou para visitar Fernando de Noronha.

A marca de perfumes ainda não

chegou ao Brasil, mas Pedro comemora a boa aceitação dos perfumes entre clientes brasileiros e diz estar estudando a parte de regulamentação para começar a vender no país. E tem mais: o Brasil inspirou um dos próximos perfumes da empresa. “Já tenho versões de um perfume sobre uma praia do Brasil. Vou usar este ano e talvez alguém muito especial use também”, diz sem querer entrar em detalhes sobre a nova experiência ou comentar sobre clientes famosos. Pipa? Tibau do Sul? Fernando de Noronha? Vamos aguardar.

“ Já tenho versões de um perfume sobre uma praia do Brasil. Vou usar este ano e talvez alguém muito especial use também”



HISTÓRIA

De Monxoró a Mossoró?



AS TEORIAS
SOBRE A ORIGEM
DO NOME DA
SEGUNDA MAIOR
CIDADE DO RN
SÃO PASSEIO
PELA CULTURA
INDÍGENA

Por Marina Gurgel
Fotos: Arquivo

De tudo que nos define, o nome é um dos principais significados. Sinônimo de reconhecimento, a palavra “nome” vem do latim *nōmen*, e é tudo aquilo que tem a função de designar uma pessoa ou alguma coisa. Para a Linguística, o nome, ou *signo*, seja de coisas, seja de pessoas, faz parte de uma convenção social universal, que teve a função de dar sentido a tudo o que nos rodeia como indivíduos pertencentes a um sistema coletivo.

O quanto o nome pode ser determinante na construção de uma cultura e na identidade de um povo? Muitas vezes, ouvir certa alcunha de algo ou de alguém pode despertar a curiosidade de saber o que está por trás ou qual a origem daquilo. Por exemplo, algumas nomenclaturas de lugares se relacionam com a cultura indígena, que está amplamente inserida na sociedade brasileira. No Rio Grande do Norte, muitas cidades guardam essa característica, pois as origens de seus nomes remetem ao idioma indígena.

Por exemplo, Açú, que tem origem na palavra composta “Taba-açu”, que significa “Aldeia Grande” no idioma indígena; Caiçara do Rio do Vento, que se origina da palavra “caiçara”, que é como os indígenas chamam a cerca que protegia casas dos índios; Ipanguaçu, que vem de “Ipã-guaçu”, nome de um pajé, guerreiro potiguar; entre muitas outras.

Cheia do Rio Mossoró em 1961



O Rio Mossoró, que está entre as teorias da origem do nome

MOSSORÓ E SUA HISTÓRIA

Até o nome da segunda maior cidade do estado se origina na cultura indígena. Mossoró, no Oeste Potiguar, que fica a 281 quilômetros da capital, Natal, é conhecida por ter sido o local que conseguiu expulsar Lampião e seu bando em 1927, acontecimento que ficou marcado na história. Mas a origem do nome da cidade carrega resquícios históricos e culturais bem mais antigos.

Em suas “Notas e documentos para a história de Mossoró”, em que fala da origem do topônimo da cidade, o historiador Luís

da Câmara Cascudo explica que pode ser uma derivação de “*monxoró*”, nome da tribo indígena que guardava os primeiros habitantes daquela terra, cariris pertencentes à família dos potiguares e dos tapuias, que Olavo de Medeiros Filho, em seu livro “Índios do Açu e Seridó”, descreve como indivíduos de cabeças grandes e espessas, ossos grossos e fortes, cor atrigueirada ou morena escura, com semblante que manifestava ferocidade. Cascudo ainda sugere que o nome teria se tornado o que ele é hoje apenas devido às

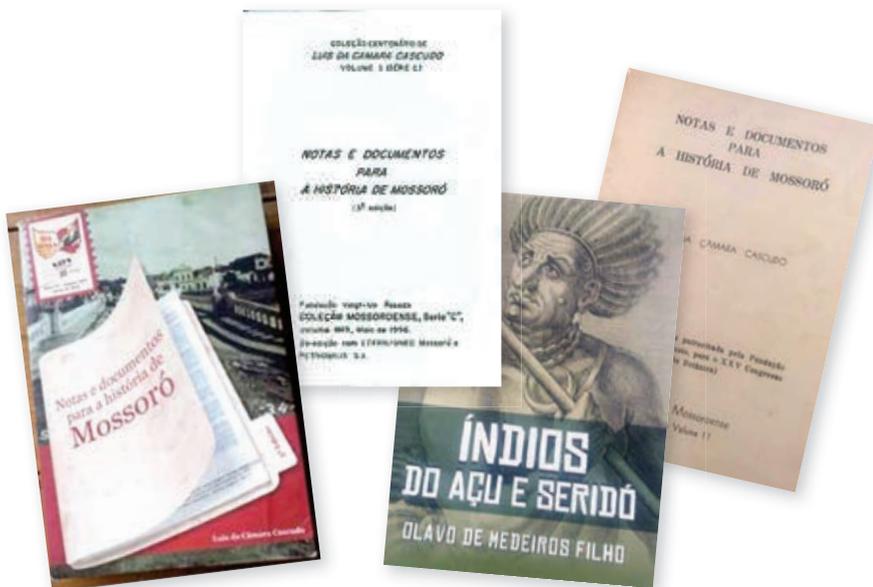
alterações sofridas ao longo do tempo. Seriam estas: *monxoró*, *moxoró*, *mororó*, Mossoró.

Outra suposição é de que a palavra deriva de “*mbo-çorog*”, vocábulo indígena que significa “romper, rasgar”, isso porque o rio que banhava a região rompeu, rasgou a terra com suas águas. No “Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil”, o escritor J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe aceita as duas teorias ao afirmar que “Dar-se d’ordinário o nome de Mossoró a sua embocadura, por

causa da vizinhança das salinas e d'uma aldeia desse nome”.

Uma terceira hipótese, aliada à segunda, sugere que o nome da cidade está apenas escrito de forma equivocada. *Moçoró*, derivado de fato de “*mbo-çorog*”, seria a forma correta de nomear o município, e há quem sustente essa ideia, argumentando que o que houve foi apenas um aportuguesamento das expressões indígenas. Quanto a qual hipótese pode ser ou não válida, Cid Augusto Rosado, jornalista e advogado mossoroense, revela que “não há consenso, pode ter vindo da tribo dos monxorós ou do nome do rio”.

Poucas palavras do idioma dos tapuias foram catalogadas, o que dificultaria uma tradução do nome “Mossoró” como há em alguns apontamentos. As teorias são diversas e independentemente de qual seja a origem exata do nome de Mossoró, fica a curiosidade e sugestão de busca por mais conhecimento sobre a cultura indígena local.



Livros que contam a origem do nome de Mossoró



Cid Augusto Rosado, jornalista e advogado



Fotos: Alex Costa

ANTONIETA VARELLA

A Grande Dama dos Canaviais



Antonietta com o filho Roberto Pereira Varella

NASCIDA EM
CEARÁ-MIRIM E
EX-PRIMEIRA-DAMA
DO MUNICÍPIO,
ANTONIETA
VARELLA ERA
CONHECIDA PELA
DISCRIÇÃO E
SIMPLICIDADE,
ALÉM DE TER
SIDO A PRIMEIRA
MULHER A DIRIGIR
AUTOMÓVEL NO RN

Por Juliana Manzano
Fotos: arquivo

Uma mulher à frente do seu tempo. A frase pode até parecer clichê, mas se encaixa perfeitamente como uma referência a Maria Antonieta Pereira Varella, uma cearamiriense nascida em 1906, que se destacava pela inteligência, educação, discrição, beleza e simplicidade. Foi uma das primeiras mulheres a dirigir automóvel no Rio Grande do Norte e eleita por um jornal do estado da Paraíba como “Excelsa Imperatriz da Formosura”, mas pode ser considerada, pelas atividades e caráter que teve em vida, como a “grande dama dos verdes canaviais e do RN.

Filha de Maria Madalena Antunes Pereira e Olímpio Varella Pereira, foi aluna da Escola Doméstica de Natal e casou-se em maio de 1924 com Luiz Lopes Varella. Ele, que era seu primo, logo se tornou um usineiro de suces-

so e foi prefeito do município de Ceará-Mirim, tendo sido também suplente do senador Kerginaldo Cavalcanti. Como empresário, era o proprietário dos cinemas Nordeste e São Pedro, além de outras sociedades.

Da união de Antonieta com Luiz Varella nasceram Marilda, Mariza, Manoel, Roberto e Ione, que lhes deram 12 netos e muitos bisnetos e tataranetos. Em 1935, no período da Intentona Comunista, o esposo foi erroneamente acusado de comunista e por conta das perseguições sofridas, toda a família foi forçada a sair do estado para viver no bairro do Andaraí, na zona Norte do Rio de Janeiro. Nesse período, Antonieta sustentou sua família, inclusive a sua sogra, com a costura. O papel de Antonieta na família sempre foi de destaque, o que dava bastante orgulho ao marido.

GRANDE ANFITRIÃ

De forte personalidade e caráter incontestável, era também bastante sentimental e carinhosa. Amiga dos seus amigos, bem relacionada com a sociedade, era excelente filha, irmã, esposa, mãe, tia, sogra, avó e bisavó. Como dona de casa, era conhecida pelos detalhes e pela excelência ao receber com perfeição autoridades do estado e do Brasil, como os governadores Aluizio Alves, do Rio Grande do Norte, Ademar de Barros, de São Paulo, e o presidente da República João Café Filho, que

foi seu hóspede inúmeras vezes.

Em suas casas, seja em Natal, seja na usina São Francisco em Ceará-Mirim, Antonieta recebia não só autoridades e políticos importantes, mas também seus funcionários, moradores da região, familiares e todos aqueles que precisassem de caridade ou do aconchego familiar.

Na filantropia era ainda mais discreta. Por muitas vezes, ia sozinha em seu carro – para que ninguém soubesse – levar mantimentos para os detentos

da penitenciária João Chaves. Antonieta também foi uma das fundadoras da Associação Cristã Feminina (ACF), instituição que recebia moças que vinham do interior para estudar em Natal. Nella, atuou com destaque ao lado de mulheres como Maria Alice Fernandes, Ivete Bezerra, Cindinha Dumaresq e Lucia Viveiros, dentre outras. Tendo sido a segunda presidente à frente da ACF, foi em sua gestão que adquiriu o imóvel onde a Associação funciona até hoje, localizada na Avenida

Prudente de Moraes, nº. 300.

Filha do seu irmão Ruy, a sobrinha Denise Gaspar lembra com muito carinho e saudosismo da tia que considerava uma segunda mãe. “Ela era muito discreta, não era de comentários, mas tinha uma ligação muito forte comigo, tanto que minha mãe, às vezes, tinha ciúmes. O último trabalhinho dela em crochê foi uma manta para o meu primeiro neto. Lembro da última vez que ela foi à nossa casa de praia. Me disse que ia olhar muito bem para aquele lugar, pois achava que seria a última vez que iria lá. E realmente foi”, recorda a sobrinha.

Denise relembra ainda que seus pais, Ruy e Odette, em 1947, decidiram morar em Natal. E, enquanto a casa da sobrinha estava em construção, a família toda ficou hospedada na casa de Luiz e Antonieta. “Nessa época, nós tivemos a honra de privar da hospitalidade desse casal ímpar, que nos dedicou muito carinho durante mais de um mês. Eu não como cebola, por exemplo. E ela tinha o cuidado de fazer minha comida sem, enquanto eu estava lá. Já minha mãe colocava cebola e ficava com ciúmes porque eu comia o que minha tia fazia, mas não o que ela fazia”, lembra sorrindo.

Questionada sobre como poderia definir a tia Antonieta, Denise diz com orgulho. “Uma mulher muito boa, muito caridosa, muito bem casada com meu tio, extremamente habilidosa com as mãos, cozinhava muito bem, recebia ainda melhor e amava a



Antonieta jovem



O esposo usineiro Luis Lopes Varella



Os pais Madalena Antunes Pereira e Olímpio Varella Pereira



Irmãos Vicente, Ruy e Antonieta no RJ

todos da família”, resume.

Filha de Roberto Varella e, portanto, neta de dona Antonieta, Márcia Varella ressalta diversos bons momentos que passou ao lado da ‘Vovó Êta’, como era chamada pelos netos. “Tivemos muitas passagens interessantes, mas lembro com muito carinho de algo que achava lindo. Morei três anos fora e ela escrevia cartas para mim. Naquela época, sem internet, as opções que existiam eram telefone, que era caríssimo, e carta. Então, ela me mandava cartas e eu achava aquele gesto muito lindo”, conta Márcia em referência ao período do início da década de 1980.

“A comida dela era maravilho-

sa. Quando íamos jantar com ela e meu avô, ela costumava fazer um peixe divino e também tinha um manjar de coco inesquecível. Tinha um temperamento bem exigente e lembro que tinha medo que quebrássemos os cristais que ela guardava em uma sala linda que ela tinha. Então, trancava a sala para que nós, netos, não fôssemos brincar lá”, completa Márcia.

Após perder o marido Luiz Varella, em 15 de julho de 1976, Antonieta passou a residir em seu apartamento no estado do Rio de Janeiro. Depois, voltou a morar em Natal e, posteriormente, em Ceará-Mirim, cidade em que faleceu em 20 de janeiro de 1990.



CLUBE DE DESCONTOS NatalCard

Apresente seu **CARTÃO NATALCARD** em nossos **PARCEIROS** e garanta **DESCONTOS** exclusivos!

CONHEÇA OS MAIS DE **70** PARCEIROS DE DESCONTOS!



**SAIBA MAIS!
ACESSE:**

**NATALCARD
.COM.BR**

  **/NATALCARD**

**(84) 3216.8450
(84) 3026.8450**

 **NatalCard**
Tecnologia em nosso caminho



Sabrina Mahler

Chef

EGITO
NA TERRA
DAS PIRÂMIDES



Pirâmides de Gizé

VIAGEM EM
FAMÍLIA AO
EGITO PARA UM
MERGULHO NA
CULTURA RICA
E DE SONHO.
CONFIRA IDEIAS
E DICAS PARA O
ROTEIRO

Por Sabrina Mahler
Fotos: Arquivo pessoal



Quem nunca suspirou durante as aulas de História e se imaginou no Egito? Aquela grandiosidade das Pirâmides, o berço da civilização, uma miscelânea de culturas em volta do Rio Nilo. O Egito é um país do norte da África, de forte influência mediterrânea, faz divisa também com a Ásia e possui uma das mais longas histórias do mundo. Então, juntamos com um viagem a Dubai e fomos conhecer Gizé e Cairo.

Nosso roteiro no Egito era curto, então decidimos chegar e ir direto para Gizé, onde estão as pirâmides, e já dormir lá, o que facilitaria bastante, pois já acordaríamos lá e evitaríamos o trânsito da manhã. E foi a melhor decisão, sem dúvidas. Uma dica logo de cara é dormir uma noite em Gizé, nos hotéis ou pousadas de frente para o Complexo das Pirâmides. É imperdível! À noite, elas ficam iluminadas com show de luzes. Uma emoção tão grande!

Acordar no outro dia e ver as pirâmides pela janela é algo que enche o coração de qualquer viajante de muita gratidão. O café da manhã foi servido no terra-

ço e a vista das pirâmides era completa. Surreal!

Apesar de estarmos super perto, o Complexo das Pirâmides é grande e longe, então um carro e um guia são opções bem interessantes. Nós fechamos tudo no hotel, mas atenção, se não ficar esperto, paga dobrado ou muito mais do que vale.

Inclusive, outra dica é optar pelo transfer do hotel ou já deixar marcado com alguma empresa. O aeroporto do Cairo é confuso e cheio de pessoas oferecendo serviços. Os carros normalmente são velhos e muitas vezes em situação precária. Nós tivemos a experiência duas vezes. Mesmo reservando no hotel, o carro era bem antigo e as malas foram em cima da gente, mesmo eu avisando que tínhamos bagagem. Enfim, coisas de viagens!

Mas a localização do hotel e nossos dias pelas pirâmides valeram cada segundo e centavo gasto! Foi encantador entrar nas pirâmides. Ver Theo, meu filho, tendo essa oportunidade encheu meu coração de felicidade. É muito mais que um sonho de viajante, é um sonho de mãe, de vida. O Egito é um banho de história para todas as idades.

Visitamos algumas ruínas perto de Gizé também e durante o caminho chamava muito nossa atenção as tamareiras carregadas e também muito lixo espalhado pela cidade e jogados por vários cantos. Sentimos e vimos ali a realidade de um país Africano que por mais que tenha um Patrimônio da Unesco no seu quintal, sofre com a desigualdade e problemas de saneamento e estruturação social também. Ficamos com o motorista até uma 4 da tarde e partimos para conhecer as lojinhas perto do hotel e o comércio de Gizé.

O guia tinha nos levado a alguns lugares, mas devido a muitos turistas e comissionamento, o preço não era atrativo e também, vocês sabem, o que gosto

mesmo é de andar pelas ruas... Só observando e vendo as lojas, a moda local. Quando você está com guia ou motorista, atenção para não pagar muito mais caro que o normal. Sempre barganhe!

No começo da noite, pegamos nosso transfer e fomos para o Cairo. Gizé e Cairo ficam próximas - aproximadamente 40 minutos. Apenas o Rio Nilo divide essas duas cidades. Como já relatei acima, tivemos dois problemas de transfer e um desses foi volta de Gizé para Cairo. O hotel, querendo economizar, pegou um carro pequeno para nossas malas. Conseguimos ir com malas no colo, carro com vidro quebrado e situação precária e até certo ponto cômica. Depois que passa tudo fica engraçado né?



Por dentro das pirâmides



Visita às ruínas



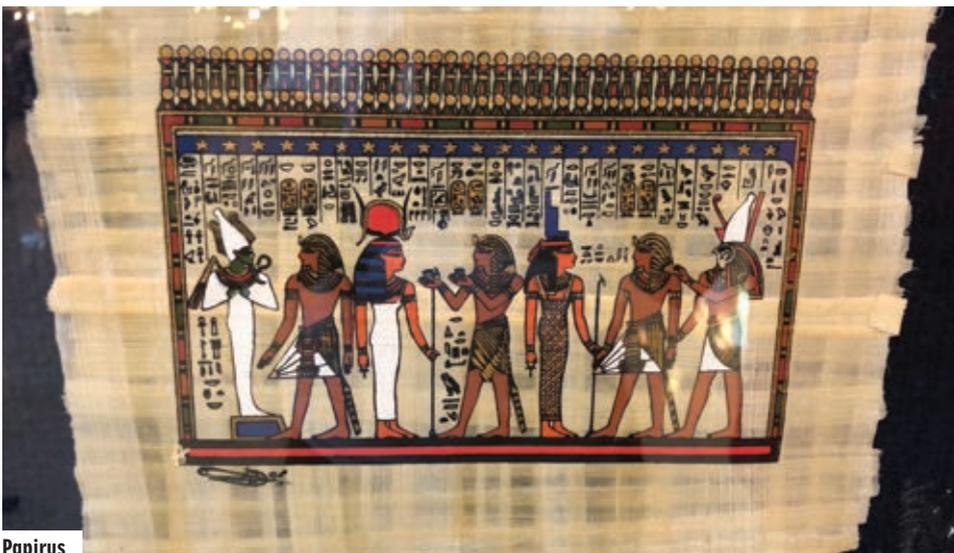
Nosso hotel era em frente ao Museu do Cairo, nosso destino da manhã seguinte. Uma das coisas que sempre procuro mesmo é ficar bem localizada, dentro do meu roteiro e planos, pois otimiza nosso tempo. Chegar cedo ao Museu evita a superlotação, então partimos logo após o café. Atravessar a rua no Cairo foi um desafio. Ruas largas, sem sinal e eu sou medrosa. Na volta demoramos tanto para atravessar que um moço nos ajudou.

Ficamos no museu até a hora do almoço e foi bem legal. Acho que foi um tempo razoável para ver tudo, principalmente levando em conta que estávamos com criança. Theo adorou, mas ficou meio entediado após duas horas. Após o museu, fomos tirar umas fotos no Nilo... mais uma parte emocionante e icônica da nossa viagem.

Frango, cordeiro, falafel, pastas de beringela, tahine, kibe, tabule, afinal o Egito é um país árabe. Muita salada de tomate, cebola, pão árabe, o marshi, o famoso charuto. Que delícia! Outro lugar que



Museu do Cairo



Papirus



vale a visita é o mercado de compras do Cairo. Roupas, artigos de decoração, bijou-terias, souvenirs. Amo um mercado local! O Khan al Kha-llili é o mercado maior e mais famoso do Cairo. Lá é um pa-raíso de compras. Afinal, não dá para sair do Egito sem um papiro né? São muitas opções e vale muito conhecer como é feito. Uma arte milenar que encanta pelos detalhes. Im-perdível também.

Nosso objetivo nessa via-gem era realmente conhecer

as pirâmides, então não fo-mos em Alexandria e Luxor. Ficaré para a próxima! Co-nhecer as pirâmides, o Nilo, o Egito foi um sonho realiza-do a três. Ficaré sempre em nossas memórias e em nos-so coração toda a emoção que sentimos em viver anos de história. Um dos lugares mais sensacionais do mun-do, sem dúvida!

E você? Já sonhou conhe-cer o Egito também? Pode ser uma opção bem mais possível do que você imagina!



Comidinhas do mercado do Cairo



Pirâmides à noite

DICAS ESPECIAIS



O visto pode ser tirado no aeroporto de Cairo sem problema algum e custa 25 dólares.



É obrigatório o comprovante internacional de vacinação contra a febre amarela.



No Egito pode vender bebidas alcoólicas e você encontra nos restaurantes.



Cambio favorável: leve dólares e troque por dinheiro local.



Barganhe! Tudo tem desconto. Não aceite o primeiro valor. Muitas vezes os preços caem mais da metade.



Atenção a transfers: se preferir um carro novo, grande e confortável, se certifique bem, pois os carros são mais antigos e mal conservados.



Fique em um hotel em frente às pirâmides pelo menos uma noite. Imperdível! Devido ao câmbio, os hotéis são baratos e com uma vista indescritível. Ficamos no Panorama Pyramids Inn.



Vá ao Mercado Khan al Khalili no Cairo, pois é muito legal para fazer compras.



Tudo tem gorjeta ou é esperado que tenha. Cuidado com pessoas que querem vender ou mostrar coisas.

Você pode ser levado a lojas caras e com comissionamento.



Gilson Bezerra

www.penaestradatrilhas.com

CURRAIS NOVOS

Natureza e história





NOSSA VIAGEM
DESTA EDIÇÃO
SERÁ UM
MERGULHO
NA HISTÓRIA
E ATRATIVOS
TURÍSTICOS
DA CIDADE DO
SERIDÓ QUE
É UMA DAS
CIDADES MAIS
IMPORTANTES
PARA O RN

Por Gilson Bezerra
Fotos: Evaldo Gomes

Sua origem remonta ao ciclo do gado, mais precisamente ao final do século XVII, quando Jerônimo de Albuquerque Maranhão travou a última batalha contra os ferozes cariris fazendo prisioneiro o bravo chefe Canindé e centenas de guerreiros no sertão do Acauã. Era o tempo da expansão dos rebanhos de gado, principal atividade econômica do período na região.

O município foi criado em 1890, desmembrado do Acari, mas tornou-se cidade apenas em 1920. Distante cerca de 160 Km da capital, Currais Novos faz parte do polo Seridó e é a principal estrela do Geoparque Seridó com inúmeros geossítios, forte tradição gastronômica e uma boa oferta de leitos e restaurantes para receber os visitantes.

O topônimo Currais Novos, segundo escreve Nestor Lima, “se deve aos bonitos currais de gado que o coronel Cipriano Lopes Galvão mandara construir entre os rios Maxinaré e Totoró, cerca de légua e meia de sua casa grande”. Câmara Cascudo citando Manoel Dantas, classifica o coronel Cipriano como “homem de certo gosto, para a vida da época, requintou nos currais de pau a pique, feito de troncos de arueira, bem aparados, que adquiriram logo vasta nomeada, a ponto de virem gentes de longe só para ver os Currais Novos do Capitão-Mor.”



A cidade tem passado glorioso, o que lhe conferiu uma certa fama de esnobe. Uma típica cidade do Seridó com ruas limpas, casas bem pintadas, praças bem cuidadas e um excelente nível de educação entre os seus moradores. Os currais-novenses são educados e cordiais, receptivos e muito distintos. Faz muitos anos que visito Currais fazendo trilhas e levando grupos para conhecer as riquezas do lugar por meio da *Pé na Estrada Trilhas* e a cada viagem me encanto mais por lá. Geossítios como o Cânion

dos Apertados na Fazenda Aba da Serra, considerado uma das sete maravilhas do RN e o Pico do Totoró com a Pedra do Caju e a Pedra do Sino atraem amantes do ecoturismo e do geoturismo cada vez mais.

Currais Novos viveu seu apogeu econômico a partir da descoberta do mineral scheelita em 1943 nas terras do desembargador Tomaz Salustino. Nesse ano, a Mina Brejuí iniciou a exploração de suas atividades. A mineração no local teve o seu apogeu em plena Segunda Guerra Mundial, for-

necendo toneladas de minérios às indústrias do aço. Um homem extremamente empreendedor e com a cabeça bem à frente do seu tempo, Tomaz Salustino chegou a figurar entre os homens mais ricos do mundo na lista da famosa revista Forbes americana. Um apaixonado pela sua terra, construiu o Tungstênio Hotel para receber os visitantes que chegavam de todas as partes do mundo interessados em comprar minério, cinema, hospital, emissora de rádio, estádio de futebol, aeroclube, colégios e hospital.





Foi uma fase de intensa riqueza com outras minerações como a Acauã e a Tugstênio do Brasil surgindo na esteira da Brejuí. Além da exploração mineral, as vastas fazendas de algodão mocó e gado garantiam a circulação de dinheiro e geração de renda. Famílias abastadas enviavam os filhos para estudarem no Recife ou Rio de Janeiro, artistas do rádio como Ângela Maria e Jair Rodrigues eram contratados para animar as festas da sociedade que eram puro luxo e glamour.

A queda brusca dos preços

da scheelita e a utilização de outros minérios para a fabricação de artefatos industriais a partir dos anos 80 levou o município a uma profunda crise, agravada pela praga do bicudo que dizimou as plantações de algodão, atingindo drasticamente a economia e tornando a vida mais difícil para o povo acostumados com a fartura. Fortunas minguiaram, mas ficou a elegância, o bom gosto e a pose de algumas famílias que preferiam fingir que tudo estava com o antes, apesar da ruína financeira.

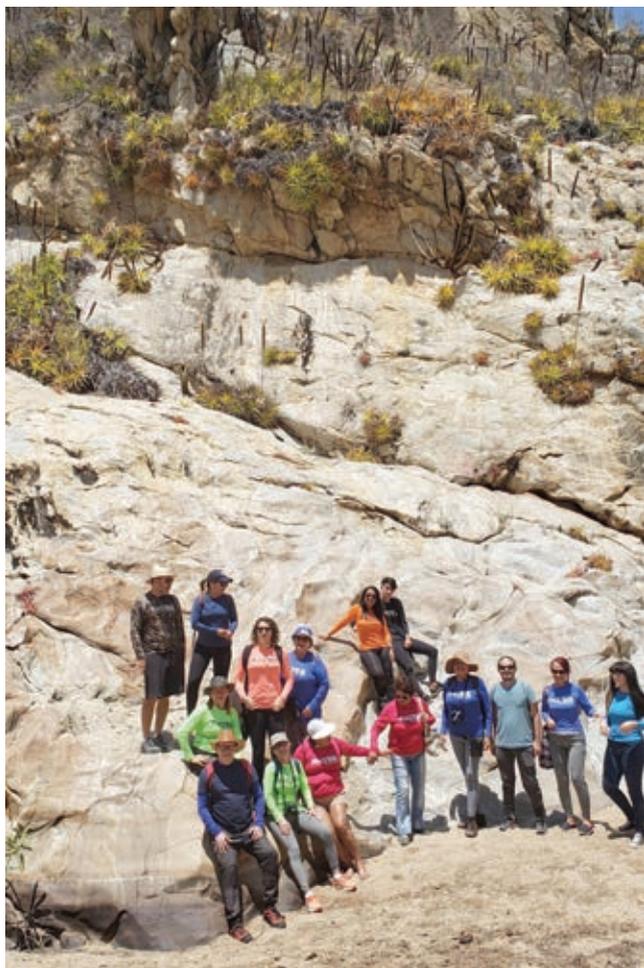
COLEÇÃO DE HISTÓRIAS

Tenho uma coleção de histórias divertidas para contar de Currais Novos. No repertório teve acampamento nos Cânions dos Apertados num ano de muito inverno, acho que foi 2011, que fui com a Vitória Régia Turismo e as belas irmãs Othon (Gal, Eugênia e Helena) acampar no leito do rio Picuí debaixo de uma grande Caraibeira. Choveu torrencialmente e a água ensopou as barracas nos deixando a noite em claro, molhados e mortos de frio esperando o dia amanhecer para assistir ao espe-

táculo das águas do rio seguindo em direção ao açude Gargalheiras.

Teve Carnaxelita com as que-ridas Izaura Alves e Suely Batista, teve inúmeras escaladas nas serras e serrotes, muitos cafés da manhã preparados por Dona Glória nos salões vintage do Hotel Tugstênio, algumas paradas na Padaria Primor para comprar o melhor pão recife que eu já comi, finais de semana na Fazenda de Bina Toscano onde funcionou por um tempo uma pousada rural, entre outras aventuras.

Recentemente, estive novamente em Currais Novos, na Fazenda Serrota Preta, de propriedade do amigo Carlos José Mendes, para um luau do sertão. Carlinhos adquiriu a propriedade há quinze anos e transformou o lindo casarão construído pelo fazendeiro Joca Pires no final do sec. XIX num confortável hotel fazenda bem equipado e sem excessos. Anexo à casa grande e em estilo rústico ele construiu 12 apartamentos que garantem conforto e bem estar aos visitantes



sem perder a aura sertaneja que é a essência do lugar.

Fui incumbido de montar o grupo top que ia inaugurar as instalações e fomos brindados com um show de hospitalidade e acolhimento que superou todas as expectativas. O sol se pôs ao mesmo tempo que surgia uma lua tão vermelha que parecia o próprio sol. Na frente da casa, uma grande fogueira, da cozinha saindo as delícias do chef caicoense Melquíades Dantas, animando a festa o cantor curraisnovense Tiago Almeida dando show de talento com sua banda afinadíssima sob a direção de Fátima da CN Agitos. Enfim, uma noite perfeita de um final de semana perfeito que nos deixou apenas uma certeza: de que vamos voltar ainda muitas e muitas vezes!





Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br

ARQUITETO E URBANISTA

Visão de arquiteto e urbanista



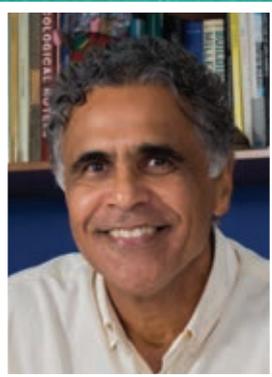


AS IDEIAS DE HAROLDO MARANHÃO PARA NATAL E, ESPECIALMENTE, PARA A FORTALEZA DOS REIS MAGOS

Fotos: Arquivo

A arquitetura pode mudar uma região, monumento, parque, edifício comercial, museu ou mesmo uma praça. Temos vários exemplos na nossa cidade de arquiteturas que, se bem cuidadas, teriam muito mais poder de atração para a população e turistas. Temos o Teatro Alberto Maranhão (TAM), o Parque da Cidade, com mirante projetado por Oscar Niemeyer, um bairro inteiro como a Ribeira, repleto de exemplos arquitetônicos. Um deles é prédio onde funcionou a loja Samari-tana, que será o Museu das Águas.

Gostaria de destacar um monumento importantíssimo, talvez o mais expressivo, localizado em uma das áreas que considero uma das mais bonitas do nosso estado. Falo aqui sobre a Fortaleza dos Reis Magos (que muitos chamam de Forte). Atualmente, a Fundação José Augusto (FJA), órgão responsável pela cultura do estado, é a gestora da Fortaleza. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) está pleiteando junto à Unesco a candidatura da fortaleza como patrimônio cultural da humanidade. Nesse contexto, surgiu a ideia de se criar um parque na área em volta do monumento.



Arquitetos Haroldo Maranhão, Jessé Gois e Marcela Scheer

O que há em comum nesses lugares que citei? E destaco o entorno dessa área da Fortaleza dos Reis Magos. Para uma cidade que depende basicamente do turismo, as nossas atrações turísticas e monumentos, não esquecendo das belezas naturais, estão em situação delicada.

O local pede socorro, assim como toda área em sua volta. O diálogo já foi iniciado com o projeto de requalificação e isso já é um bom meio de termos de volta uma atração vital para o turismo.

O arquiteto e urbanista Harol-

do Maranhão, juntamente com a sua equipe de arquitetos Marcela Scheer e Jessé Gois, desenvolveu um projeto em 2014 para a área do entorno. Agora, diante das circunstâncias, retoma o seu projeto e requalifica toda área. O projeto é importantíssimo, assim como toda área em volta.

O projeto precisa de atenção especial, uma conexão e negociação com áreas públicas e privadas, acessibilidade até à Fortaleza, com a criação de um veículo leve, criação do largo dos potiguares na área onde existia o antigo Cír-

culo Militar, uma homenagem aos indígenas, que são os verdadeiros donos da terra, uma grande praça de eventos com equipamentos móveis para permitir diversos tipos de eventos, um grande boulevard que margeia o rio e a Praia do Forte, uma conexão desde Ponta Negra, Via Costeira, Praia do Meio, Praia dos Artistas, Canto do Mangue, bairro histórico da Ribeira, Avenida do contorno até a Pedra do Rosário, além da instalação de equipamento náuticos no local, colocando as pessoas em contato seguro com o rio.



Outra ideia que teria muito a agregar é a criação de um mirante próximo à Fortaleza, permitindo um ângulo de visão da ponta da estrela, que é o formato da construção. O projeto também prevê a criação do Canto da Zila, homenagem à escritora Zila Mamede, um calçadão para eventos, com um mirante, um prolongamento da passarela do Forte até a Praia do Y. “Uma das coisas que mais destaque no projeto é a ligação do parque com o restante da cidade, bem como o usufruto do rio Potengi, uma necessidade imperiosa”, destaca o arquiteto Haroldo Maranhão.

A fortaleza, construído à época da colonização como monumento defensivo, hoje precisa de defesa para continuar sua trajetória e isso depende do seu entorno, agressivo por natureza. De um lado, o mar com a proteção natural dos arrecifes. Do outro, nós, os humanos.





ESTILISTA
A MODA
DA CASA



DANIELE
GONÇALVES,
A ESTILISTA
POTIGUAR QUE
USOU SEU
TALENTO PARA
CRIAR MODA
E UNIR QUEM
PENSA FORA DA
CAIXA QUANDO O
ASSUNTO É MODA
NA CASA 895

Por Vânia Marinho
Fotos: Flavio Aquino



Daniele Gonçalves, idealizadora

Picada pelo bichinho da moda desde muito cedo, a engenheira têxtil Daniele Gonçalves esqueceu seu diploma e resolveu correr atrás do seu verdadeiro desejo: trabalhar como estilista. Fez curso de estilo no Senai e logo começou a trabalhar como estilista da Botton (antiga marca masculina local) e também da Riachuelo, onde trabalhou por um bom tempo.

Percebendo a mudança de comportamento de consumo, Daniele entendeu que era hora de partir para outras propostas, voltadas pra um novo público. A luz do slow fashion piscou com força juntamente com o desejo de criar uma marca própria, envolvendo um conceito mais atual de moda engajada.

O COLETIVO

Cheia de inquietação, a estilista sonhou em abrir a sua marca, mas quando foi para a ponta do lápis quase viu o sonho virar pesadelo. Contudo, Daniele não se rendeu às dificuldades do mercado e decidiu não abdicar do sonho de ter a sua loja com as suas criações.

Foi aí então que, no ano de 2015, diante da crise do setor, surgiu a ideia de lançar o coletivo, um espaço em que vários artistas e estilistas podem vender seus trabalhos. E hoje espaço tornou-se referência na cidade, é a famosa Casa 895.

Tendência em vários lugares do

mundo, os coletivos se adequam bem às atuais necessidades do mercado brasileiro.

A Casa 895 é o ideal para quem quer fugir do lugar comum. Um lugar cheio de charme, no qual o cliente pode encontrar variedade de peças com personalidade e estilo.

“A preocupação com a sustentabilidade e com o meio ambiente também fazem parte da proposta dos que participam do espaço”, conclui enfática Daniele Gonçalves, estilista, idealizadora e proprietária da casa tão charmosa e criativa que embala a moda potiguar.





VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com

Energia Pura

As arquitetas Gracita Lopes e Sheila Lopes arrasaram na Casa Cor deste ano com o estúdio da Pedra, espaço montado com pedras e cristais incríveis para homenagear a designer Palone Leão, cujo trabalho tem, segundo a Harper's, o DNA da natureza. O espaço levou o público a muitas possibilidades de experiências sensoriais e artísticas. Para apreciar, as telas dos artistas potiguares Flavio Freitas, Ítalo Trindade e Selma Bezerra.

PARA REFLETIR

Quer saber mais sobre a existência da moda? Vale conferir o livro do jornalista Tarcísio D'almeida, que publica textos de importantes pensadores contemporâneos como o filósofo Gilles Lipovetsky e a historiadora Valerie Steele. É uma coletânea de diálogos significativos sobre a existência da moda e como ela influencia o cotidiano.



TÚNEL DO TEMPO



A Arezzo revisita os anos 70 e promete em breve o lançamento da sandália Camila e bolsa Malu. E ainda vale aguardar para o alto verão a aposta sustentável da marca. São tênis, sapatilhas e sandálias biodegradáveis.

FUNDO DO MAR

A designer potiguar Sheila Morais, em mais uma parceria com a grife Água de Coco, fez sucesso no último desfile da marca de moda praia que aconteceu no famoso mercado municipal de São Paulo. Na passarela, Sasha Meneghel exibiu peças exclusivas criadas para a marca em tempos de consciência social e ambiental. A grife se propõe a fazer benfeitorias no mercado municipal, que reúne comerciantes de várias regiões do Brasil e do mundo.



INCURSÃO PELA MODA

A bela atriz Marina Ruy Barbosa coloca a mão na massa na coleção primavera 2020 da Colcci. A coleção exclusiva é assinada pela atriz e reflete a sua sofisticação e elegância em uma proposta jovem, urbana e contemporânea. Mostra decotes, mangas volumosas e calças de cintura alta. Na cartela de cores, preto, branco, camelo, rosa em mistura com vermelho, refletindo a força e feminilidade da atriz. Nos tecidos há presença dos paetê, couro e jeans, que podem ser a aposta certa para o público. A estilista da Colcci Adriana Zucco gostou das propostas da ruiva, que mergulhou fundo no processo criativo.



Voos d'alémar

Fotos: Alex Costa/Lisboa

O Brasil, com seu estado Rio Grande do Norte, que tem na bela capital Natal o ponto mais próximo da Europa, está muito bem representado hoje em solo de patrícios portugueses. E o elo dessa ligação de encantamentos é a Revista Bzzz. Atualmente com ponto de venda na lisboeta banca da Praça de Londres, a revista teve ocasião de flashes e holofotes no badalado lançamento pilotado por dois grandes entrevistados de capa: o espanhol Luis Henrique Pérez e a potiguar Juliana Flor, dois apaixonado pela terra de Camões e que nela brindam e investem. Ocasião que reuniram celebridades, empresários, nomes de nobreza portuguesa e espanhola, jornalistas e uma diversidade de nacionalidades. Festa que aconteceu no lounge do bellissimo Restaurante Seen, no alto do Hotel Tivoli Liberdade, com fantástica vista que chega ao Tejo. Tudo muito bem descrito, em texto, imagens e entrevistas pelo concorrido site www.yupiyupichic.pt, da querida Margarida Carvalho. E aguardem que em breve teremos mais super novidade em solo lisboeta...



Idealizadora e editora da Bzzz, a jornalista Eliana Lima e os anfitriões Luis Henrique e Juliana Flor



Juliana Flor recebe a apresentadora Pimpinha Jardim



Luis Henrique e a namorada Mariana Baptista



Hanna, Leila Renzo, Ju, Ysnara, Beta Almeida, Inés Branquinho, Inés Simões



Estilista Ana Salazar e Nuno Reis



Lúis e a grande amiga Lili Caneças



Ana Rebelo e Ricardo Carriço



Mariana Baptista recebe Maria Galvão e Humberto Leal, Carlos Fonseca Ferreira



Margarida Carvalho e António Maximino



Luis Henrique recebe a bela Jenny McLaughlin



João Filipe Almeida, Mariana, Alvaro de Mora Y Aragón, Ana Rebelo e Carriço



Hanna Svensson, Ana Cláudia, Nancy Esteves, Maria Santos, Ju Flor, EL



Super fotógrafo das capas portuguesas, o potiguar Alex Costa recebe elogios de Luís Henrique e Juliana Flor



EL, Ju Flor, António Ferreira, Inês Branquinho



EL e a mais badalada socialite portuguesa: Lili Caneças



Mariana Baptista, Ana Mexia, Rosário Castel-Branco Sommer



Maria Eduarda Lima e Matteo Bresciani



Lúcia Dall'Stella, Ysnara Almeida, Miriam Anawate



Os anfitriões e a atriz Inés Simões



Beta e Marino Almeida



Empresário Hugo Pinto



Todo JNcQUOI: Francisco Palha



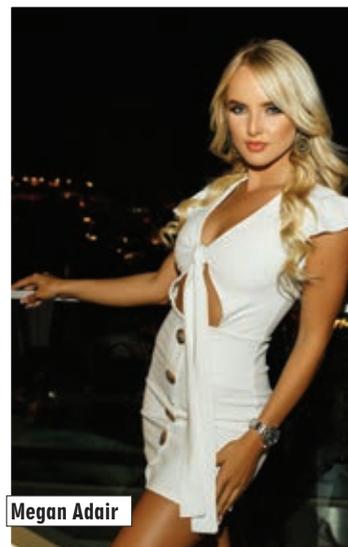
YupiYupiChic! Margarida Carvalho



Eliana Lima recebe os cumprimentos do apresentador António Leal e Silva e da empresária Zulmira Ferreira, mulher do top-treinador Jesualdo Ferreira



As belas: Ana Cláudia, Ysnara Almeida, Hanna Svensson, Inés Branquinho e Inés Simões (em pé)



Megan Adair



Guilherme Campelo, Severino Cajazeiras, Leila Barros, Brito Pereira, Estenio Campelo, Osmar Alves de Melo

HOMENAGENS

Fotos: Paulo Lima/Brasília

A Casa do Ceará, por intermédio de seu presidente, Osmar Alves de Melo, promoveu uma sessão solene para homenagear seus benfeitores. A senadora Leila Gomes de Barros e o diretor da instituição, Vicente Nunes de Magalhães, receberam os diplomas de sócios eméritos e o advogado Estenio Campelo recebeu a medalha do Mérito Euclides Pinto Martins. O evento aconteceu no espaço Estenio Campelo.



Estenio, Ana Cristina e João Gabriel Campelo, Leila Barros, Guilherme Campelo



Os agraciados com a diretoria da Casa do Ceará



Estenio Campelo com familiares e amigos



Valdenor Queiroz, Osmar Alves de Melo, Estenio Campelo



Estenio Campelo com familiares



Ministro Brito Pereira e Desembargadora Flávia Falcão



Desembargadora Maria Regina Machado Guimarães e o advogado Estenio Campelo

Mérito

Fotos: Paulo Lima/Brasília

O Tribunal Regional do Trabalho do TRT da 10ª Região (TRT-10) realizou a cerimônia de entrega da comenda da Ordem do Mérito de Dom Bosco – honraria destinada a agradecer a cada dois anos cidadãos e instituições

que tenham prestado relevantes serviços à Justiça do Trabalho. A solenidade contou com a presença de diversas autoridades dos três poderes da República, da capital federal e de diversos estados do Brasil. A solenidade de entrega das condecorações, presidida pela desembargadora Ana Maria Guimarães, aconteceu em agosto, na sede do TRT-10.



Advogado Fernando Ferrer, Desembargador Paulo Régis Botelho, Patrícia Botelho, advogados Estenio e Guilherme Campelo



Desembargador Grijalbo Coutinho entre os advogados Guilherme e Estenio Campelo



Desembargador Paulo Régis Botelho e o Juiz Paulo Blair



Advogados Fernando Ferrer, Elise Corrêa, Guilherme e Estenio Campelo



OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com

GUIA GASTRONÔMICO EM SÃO MIGUEL DO GOSTOSO

São Miguel do Gostoso, na esquina do continente, é hoje um dos principais atrativos do Rio Grande do Norte. Além da natureza privilegiada, ventos propícios aos esportes aquáticos e excelentes opções de hospedagem, o lu-

gar é também um deleite quando o assunto é gastronomia. E aqui está um roteiro com três opções imperdíveis e que merecem – e muito! – a visita. Todas ficam na mesma encantada Rua da Xêpa, no centro de Gostoso.



GENESIS

As paredes tomadas por pratos, peças de antiguidade e objetos inusitados enchem os olhos e convidam até mesmo os transeuntes mais distraídos. Esse é o Genesis Resto Bar, lugar daqueles imperdíveis, que dão água na boca – desculpe a rima – só de lembrar. Não é apenas pela decoração acolhedora – e que decoração! – que o lugar se destaca. Cada cantinho, é bem verdade, parece ter sido fruto de um trabalho de cenografia. Porém, a casa comandada por Fabi e Priscila eleva a comida ao nível criativo do espaço onde é servida.

70m²

Foi por causa da metragem do espaço que ocupa que o local foi batizado assim: 70m². O bistrô tem uma pegada industrial. É despojado, com fotos antigas fixadas sobre tijolos aparentes e plantas e luminárias despencando do teto. A casa cuja cozinha é comandada pelo chef Lorenzo Mancini tem muito da bagagem dele, que é italiano, mas morou por bons anos na Espanha. A gastronomia que fala alto no menu é a mediterrânea, com boas pinceladas de preparos locais. Uma das entradas mais pedidas é o polvo grelhado, servido com quatro aiolis caseiros. Dentre os pratos principais, destacam-se as massas frescas, como o espaguete de camarão.



BOROGODÓ

Anos atrás, o Borogodó era apenas a casa de um pescador. Redes, os remos e a imagem de Iemanjá ainda estão lá. O chão no cimento também. As luminárias de macramê que despencam do teto dão charme e põem luz em todo o salão, cuja parede principal é tomada pela pintura de um grande polvo com flores na cabeça. O lugar é assumidamente prático. Então muitas das suas opções são preparadas na brasa, rapidinho, mas sem a dispensa de bom tempero e afeto. Um bom exemplo disso são as lulas empanadas de entrada, acompanhadas de vinagrete de banana da terra.

DIAMANTE

Fotos: Paulo Lima/Brasília

Mara e Gilberto Amaral celebraram Bodas de Diamante, 60 anos de casados, em almoço e brindes com amigos e familiares no Restaurante Piantella, em Brasília. Ocasão também que festejou seis décadas do pioneiro Gilberto na arte do colunismo social.



Gilberto e Mara com os filhos, Rodrigo, Bernadete e Marcelo Amaral



José Lirio Aguiar e o ex Presidente da República José Sarney



Rosália e Lourenço Peixoto, Rita Márcia Machado e Renata La Porta



Jair Rocha e Jane Godoy Rocha



Guilherme e Estenio Campelo, Gilberto Amaral, José Carlos e Ronald Starling



NEY LOPES

Jornalista, advogado, ex-deputado federal e ex-presidente do Parlamento Latino Americano
 nl@neylopes.com.br - www.blogdoneylopes.com.br

O necessário “diálogo nacional”

O Brasil vive o prelúdio de mudanças sociais, econômicas e políticas inadiáveis. Não há como negá-las, porém é fundamental discutir como fazê-las, pesando e medindo as consequências, não apenas em relação às exigências impostas pelo “mercado”, mas igualmente a preocupação prioritária com as pessoas humanas, que irão beneficiar-se, ou serem injustamente penalizadas, pós-aprovação das reformas.

Considera-se pré-condição para mudanças estáveis, a definição de diálogo nacional, que começaria pela prioridade dada aos temas que levem à unidade, afastando aqueles que dividem. Significaria respeito recíproco, diante da diversidade e diferenças naturais entre os partidos, priorizando a “governabilidade” e não as “ideologias”. As ideologias incentivam o dogmatismo, o radicalismo e a intolerância. Sobrevivem as doutrinas, entendidas como princípios, que se adaptam as circunstâncias do tempo e do espaço.

A propósito de inspiração para a montagem de “*pacto nacional*” no Brasil, lembro sempre as lições de Zygmunt Bauman, o chamado “profeta da pós-modernidade”, que fogem das abstrações e analisam o mundo como ele é. Referindo-se ao liberalismo, ele lembrou o seu fundador, John Stuart Mill, que dialogou com o socialismo, por acreditar que para implementar programa liberal da liberdade humana, é necessária uma distribuição justa de oportunidades, diminuindo a distância entre os membros mais ricos e os mais pobres da sociedade.

Em suas análises, Bauman cita Lord Beveridge, criador do Estado de bem-estar social britânico, que não era socialista. Liberal defendia que a liberdade dos seres humanos dependia da eliminação das desigualdades sociais e de chão firme no qual se apoiar.

Exemplo de diálogo nacional vitorioso foi a coalizão política do Chile, ampla e pluralista, denominada “Concertación”, que assegurou a estabilidade política e a preservação da governabilidade, reduzindo custos sociais e dando legitimidade ao sistema político do país, até hoje. Tais acordos se viabilizam, em função de uma visão do desenvolvimento nacional de longo prazo, elaborado e baseado nos propósitos comuns a todas as forças políticas, independente de rótulos de esquerda ou de direita, buscando valores como paz, a justiça social, a equidade, a superação da pobreza, a integração regional e a plena vigência da democracia.

Bauman considerou em seus escritos, que as doutrinas sociais e econômicas sempre convergem para dois valores indispensáveis a vida humana decente e digna: **liberdade e segurança**. Concluiu que, ou são obtidas juntas, ou não serão obtidas de modo algum. Para defender tais princípios, não é necessário ser de “esquerda” ou “direita”. As ideias não têm rótulos. Elas têm conteúdo. O grande empecilho são os radicais, dogmáticos, islâmicos, de esquerda, ou direita. Com esses, não há diálogo possível. Na prática buscam semear o caos e a intranquilidade social. Em verdade, o que lhes interessa será sempre “*o quanto pior melhor*”.



SISTEMA FIERN

EM NÚMEROS

O Rio Grande do Norte conta com o Sistema FIERN e com a força da indústria para crescer. Juntos pelo desenvolvimento, buscamos ainda mais.

A INDÚSTRIA REPRESENTA **19%** DO PIB DO RN

FIERN

30 sindicatos patronais

SESI

+ de **200 mil** atendimentos em exames e consultas operacionais

+ de **31 mil** matrículas - EAD, EJA e Educação Básica

32 unidades da Indústria do Conhecimento

+ de **310 mil** consultas

SESI ESCOLA | **3** unidades - Natal, Mossoró e Macau

SENAI

Cursos presenciais e a distância - **25** áreas de atuação

6 centros

13 unidades móveis

+ de **51 mil** matrículas

+ de **28 mil** horas de atendimento à Indústria

+ de **2 mil** serviços realizados

IEL

52 cursos

167 empresas atendidas

4.667 estágios intermediados

110 eventos

+ de **4 mil** participantes

*Números de 2018

FIERN

Federação das Indústrias do Estado do RN

PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

www.fiern.org.br

Crédito consignado para você conquistar mais.

*Sempre pensando em
você, dispomos de crédito
consignado* com uma taxa
imperdível, garantindo
a economia que você
precisa.*

*Com o Sicredi Rio Grande
do Norte é assim,
facilidade para você voar
mais alto. Visite sua
agência e conheça nossas
condições especiais.***

Fale com seu gerente
sicredi.com.br

Sac - 0800 724 7220

Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525

Ouvidoria - 0800 646 2519

*Válido com portabilidade de salário, exclusivo para servidores federais.

**Saiba quais as entidades disponíveis através de nossos consultores.

